

SEGREDO DE PRATA

PATRICIA BRIGGS

Tradução de Manuel Alberto Vieira

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



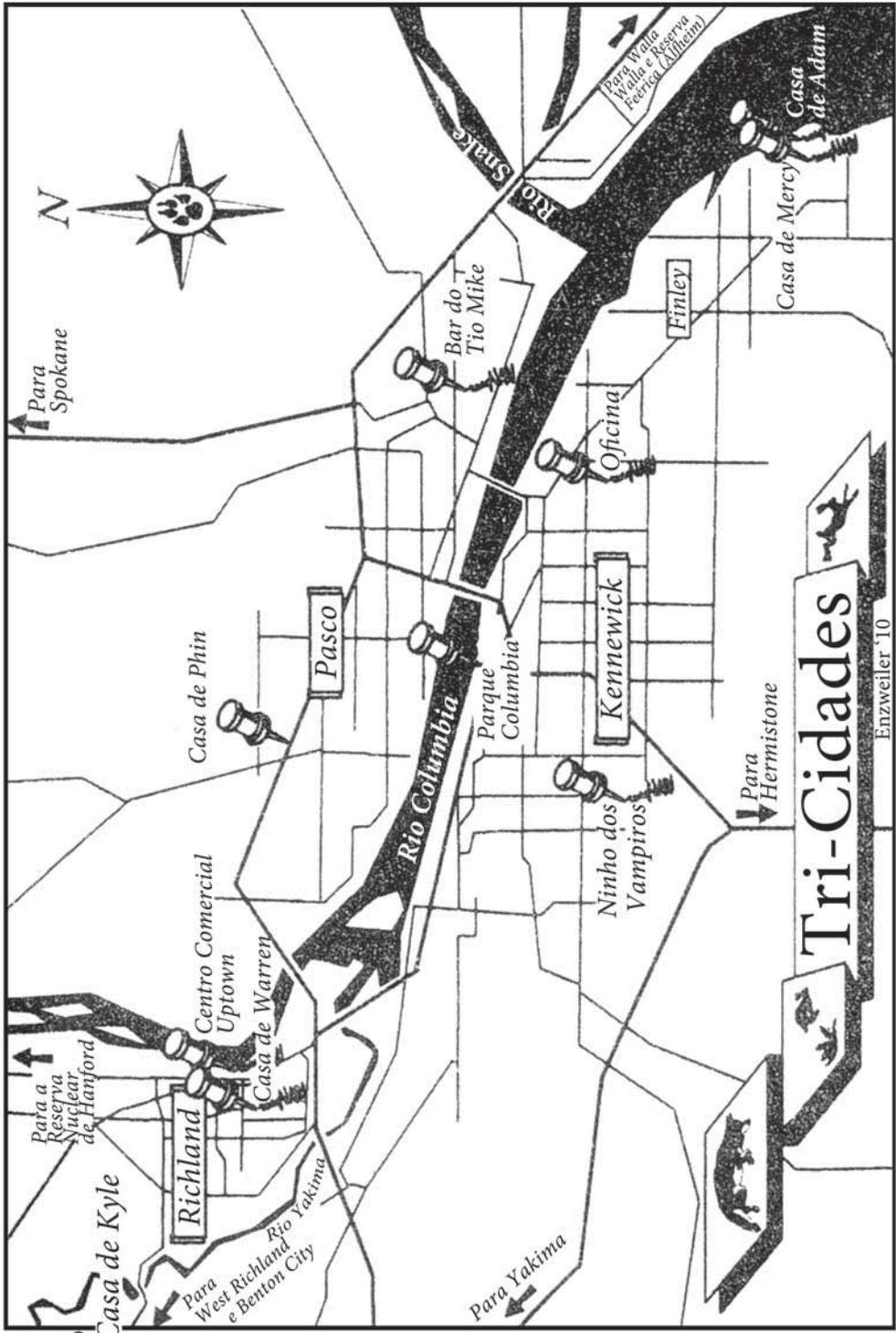
 SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Aos Editores Perseverantes que nunca perdem a calma, aos Maridos que dão de comer aos cavalos, aos Filhos que se deslocam de forma autónoma e preparam as próprias refeições, aos Veterinários que atendem telefonemas de pânico a qualquer hora, e a todos vocês que disponibilizam o vosso tempo, os vossos talentos e a vossa energia para ajudar os outros e marcar presença sempre que é preciso. A todos vocês, os meus agradecimentos.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que me ajudaram neste livro. Obrigada ao Michael e à Susann Boch, meus amigos na Alemanha que me corrigiram o alemão e atribuíram a Zee a sua magia. Obrigada às duas mulheres que trabalham no Kennewick General Hospital e me ajudaram a encontrar um sítio seguro para Samuel. As minhas desculpas por ter perdido o papel onde tinha anotado os vossos nomes. Se nos cruzarmos novamente, incluirei os vossos nomes no próximo livro. Obrigada à Sylvia Cornish e às mulheres do clube de leitura que responderam às minhas perguntas sobre mandados. O meu agradecimento também ao Sargento Kim Lattin do Departamento de Polícia de Kennewick, que me facultou as respostas para uma série de perguntas urgentes. Ao meu extraordinário marido, que coreografou muitas das cenas de luta (neste e noutros livros). Ao Tom Lentz, que possui uma *Kel-Tec* e que, juntamente com Kaye e Kyle Roberson, me deu excelentes dicas sobre armas. Como sempre, uma escritora muito grata mostra-se reconhecida em relação aos talentos editoriais das pessoas que foram lendo, criticando e comentando o livro durante o processo de escrita: Mike Briggs, Collin Briggs, Michael Enzweiler, Debbie Lentz, Ann Peters, Kaye e Kyle Roberson, Sara e Bob Schwager, e Anne Sowards.

Como sempre, quaisquer erros que possam ser encontrados neste livro são da inteira responsabilidade da autora.



O motor de arranque queixou-se enquanto fazia girar o pesado motor do velho *Buick*. Senti em relação a ele uma imensa empatia, uma vez que lutar fora da minha categoria era algo com que estava intimamente familiarizada. Sou uma metamorfa coioite movendo-se num mundo de lobisomens e vampiros — falar em desigualdade é um eufemismo.

— Mais uma vez — disse a Gabriel, o meu gerente de escritório de dezassete anos, que estava sentado no banco do condutor do *Buick* da sua mãe. Funguei e sequei o nariz na ombreira do meu fato-macaco. Narizes com pingo são parte integrante de se trabalhar no inverno.

Adoro ser mecânica, com o nariz a pingar, as mãos gordurosas, e as outras coisas incluídas.

É uma vida repleta de frustrações e nós dos dedos esfolados, a que se seguem breves momentos de triunfo que fazem com que tudo o resto valha a pena. Considero-a um refúgio do caos que tem sido a minha vida ultimamente: não é provável que alguém venha a morrer caso não lhe consiga reparar o carro.

Nem mesmo se se tratar do carro da mãe dele. Tinha sido um dia de aulas curto, e Gabriel usara o seu tempo livre para reparar o carro da mãe. Ele fizera com que o carro passasse de funcionar mal a não funcionar de todo, e depois um amigo seu rebocara-o até à oficina para ver se eu conseguia repará-lo.

O *Buick* emitiu mais uns quantos ruídos pouco saudáveis. Afastei-me às arrecuas do compartimento do motor aberto. Combustível, fogo e ar fazem o motor funcionar — desde que o motor em questão não esteja pifado.

— Não está a pegar — disse Gabriel, como se eu não me tivesse dado conta.

Agarrou o volante com mãos elegantes, porém maltratadas pelo trabalho. Tinha uma mancha de massa lubrificante na maçã do rosto e um dos olhos estava vermelho porque não tinha colocado óculos de segurança quando rastejara para debaixo do carro. Fora recompensado com uma grande porção de esterco — metal enferrujado e massa lubrificante — no olho.

Embora os meus enormes aquecedores atenuassem o frio, ambos estávamos de casaco vestido. Não existe maneira de manter uma oficina verdadeiramente quente quando se passa o dia a subir e a baixar as portas para a entrada e saída de carros.

— Mercy, a minha *mamá* tem de estar no trabalho daqui a uma hora.

— A boa notícia é que não acho que tenha sido por causa de alguma coisa que tenhas feito. — Afastei-me do compartimento do motor e fixei-me nos seus olhos nervosos. — A má notícia é que não vai estar a funcionar daqui a uma hora. Resta saber se algum dia vai voltar a andar na estrada.

Deslizou para fora do carro e enfiou a cabeça debaixo do capô para observar fixamente o motor incapacitado, como se pudesse vir a encontrar algum fio no qual eu não tivesse reparado e que, miraculosamente, o pusesse a funcionar. Deixei-o com a sua cisma e atravessei o corredor até ao meu escritório.

Atrás do balcão estava uma tábua suja, que em tempos fora branca, com ganchos onde colocava as chaves dos carros em que estivesse a trabalhar — e uma meia dúzia de chaves-mistério prévias à minha atividade profissional na oficina. Peguei num molho de chaves presas num porta-chaves com o símbolo da paz pintado com as cores do arco-íris e depois regresssei à oficina a passo largo. Gabriel estava novamente sentado atrás do volante do *Buick* da sua mãe e parecia saturado. Entreguei-lhe as chaves através da janela aberta.

— Leva o Fusca — disse-lhe. — Diz à tua mãe que os pisca-piscas não funcionam, portanto vai ter de fazer sinais com as mãos. E diz-lhe também para não puxar o volante com muita força senão ele sai.

No seu rosto desenhou-se uma expressão obstinada.

— Ouve — disse antes que ele tivesse possibilidade de recusar, — não me vai custar nada. Não dá para transportar os miúdos todos — não que o *Buick* desse; eram muitos miúdos — e o sistema de aquecimento não é lá grande coisa. Mas anda, e eu não estou a usá-lo. Trabalhamos no *Buick* fora do horário laboral até que fique pronto, e ficas a dever-me essas horas.

Estava plenamente convencida de que o motor tinha partido para a sucata lá de cima — e sabia que Sylvia, a mãe de Gabriel, não tinha dinheiro para comprar um motor novo, e menos ainda um carro mais recente. Portanto, iria solicitar Zee, o meu velho mentor, para nele usar a sua magia. Magia literal — não havia muito de figurativo em relação a Zee. Era um ser feérico, um *gremlin* cujo elemento natural era o metal.

— O Fusca é o carro que está a usar para o seu projeto, Mercy. — O protesto de Gabriel foi pouco firme.

O meu último projeto, um *Karmann Ghia*, fora vendido. Com a minha fatia dos lucros, partilhados com um extraordinário fabricante de carroçarias e um estofador, comprara um *Carocha* de 1971 e uma *VW Kombi* de 1965 com um dinheirinho que sobrara. A *Kombi* era belíssima e não funcionava; o Fusca tinha o problema oposto.

— Primeiro vou trabalhar na *Kombi*. Leva as chaves.

A expressão no seu rosto parecia a de alguém mais velho.

— Só se deixar que as minhas irmãs venham fazer a limpeza aos sábados até lhe devolvermos o Fusca.

Não sou estúpida. As suas irmãs mais novas sabiam trabalhar — ia tirar o máximo proveito da troca.

— Combinado — devolvi, antes que ele pudesse retirar o que propusera. Enfiei-lhe as chaves na mão. — Leva o carro à Sylvia antes que ela se atrase.

— Depois volto.

— É tarde. Vou para casa. Volta só amanhã, à hora do costume.

Amanhã era sábado. Oficialmente, a oficina estava fechada aos fins de semana, mas excursões recentes para combater vampiros tinham-me afetado os lucros. De modo que vinha mantendo as portas abertas até mais tarde e trabalhando ao fim de semana para ganhar um dinheirinho extra.

Combater o mal não dá dinheiro: segundo a minha experiência, o que acontece é precisamente o contrário. Tinha esperança de que a minha história com vampiros tivesse acabado — o último incidente quase provocara a minha morte, e o mais provável era a minha sorte estar a esgotar-se; uma mulher cujo maior talento consiste em transformar-se em coioote não tem nada que se aventurar nos campeonatos principais.

Disse a Gabriel para ir embora e dei início ao processo de fechar a oficina. Baixar as portas, regular o aquecimento para os dezasseis graus, desligar as luzes. Caixa registadora no cofre, a minha bolsa para fora. Precisamente na altura em que ia desligar o último interruptor, o meu telemóvel tocou.

— Mercy? — Era o filho de Zee, Tad, que frequentava uma universidade da Ivy League na Costa Leste, com uma bolsa de estudos. Os seres

feéricos eram considerados uma minoria, portanto o seu estatuto oficial de metade feérico e as suas notas tinham feito com que entrasse — o trabalho árduo mantinha-o lá.

— Ei, Tad. Então?

— Ontem à noite recebi uma mensagem estranha no meu telemóvel. O Phin deu-te alguma coisa?

— O Phin?

— Phineas Brewster, o tipo que te disse para procurares quando a polícia tinha acusado o meu pai de homicídio e precisavas de umas informações sobre os seres feéricos para descobrires quem tinha realmente matado aquele homem.

Demorei uns segundos a responder.

— O tipo da livraria? Ele emprestou-me um livro. — Há já algum tempo que tencionava devolvê-lo. Simplesmente... quantas vezes temos a oportunidade de ler um livro sobre as misteriosas criaturas feéricas, escrito pelas próprias criaturas feéricas? Estava escrito à mão e era difícil de decifrar, de leitura lenta, e Phin não me parecera ansioso por tê-lo de volta quando mo emprestara. — Diz-lhe que eu peço desculpa e que lho devolvo esta noite. Tenho um encontro mais logo, mas posso ir entregá-lo antes disso.

Fez-se uma breve pausa.

— Na verdade, não foi muito claro em relação a querê-lo de volta ou não. Disse simplesmente: «Diz à Mercy para tomar conta daquela coisa que lhe dei.» Agora não consigo contactá-lo; tem o telemóvel desligado. Foi por isso que optei por te ligar. — Produziu um ruído frustrado. — Acontece, Mercy, que ele nunca desliga o raio do telemóvel. Gosta de ter a certeza de que a avó dele pode contactá-lo.

Avó? Talvez Phin fosse mais novo do que eu pensava.

— Estás preocupado — disse-lhe.

Emitiu um ruído autodepreciativo.

— Eu sei, eu sei. Estou paranoico.

— Não há problema — repliquei. — Em todo o caso, tenho de o devolver. Mas, a menos que esteja aberto até muito tarde, não vai estar na livraria na altura em que puder lá ir. Sabes o endereço da casa dele?

Sabia. Anotei-o e, antes de desligar, deixei-o com palavras tranquilizadoras. Enquanto trancava a porta e ativava o alarme, relanceei os olhos à câmara escondida. Adam provavelmente não estava a ver-me — a menos que alguém fizesse disparar um alarme, as câmaras funcionavam sozinhas e simplesmente enviavam imagens para serem gravadas. Ainda assim... quando me encaminhei para o carro, beijei a minha mão e soprei na direção da pequena lente que vigiava todos os meus movimentos, após o que disse com os lábios: «Vemo-nos hoje à noite.»

Também o meu namorado tinha a preocupação de saber quão bem uma coiole seria capaz de se movimentar entre lobos. O facto de ele ser um lobisomem Alfa tornava-o um pouco ditatorial no que à sua preocupação dizia respeito — e a condição de diretor-geral de uma empresa de segurança que trabalhava para diversas agências governamentais dava-lhe acesso a uma série de ferramentas para satisfação dos seus instintos protetores. Tinha ficado zangada quando ele mandara instalar as câmaras, mas agora achava-as tranquilizadoras. Uma coiole adapta-se; é assim que ela sobrevive.

Phineas Brewster vivia no terceiro andar de um novo complexo de condomínios em West Pasco. Não parecia o tipo de lugar onde um colecionador de livros antigos viveria — mas quiçá tivesse a dose necessária de pó, mofo e bolor no trabalho e não precisasse de mais em casa.

Estava a meio caminho entre o meu carro e o edifício quando me apercebi de que não trouxera o livro ao sair do carro. Hesitei, porém decidi deixá-lo onde estava, enrolado numa toalha no banco traseiro do *Rabbit*. A toalha tinha como propósito proteger o livro — no caso de não ter removido na totalidade a massa lubrificante das minhas mãos — mas era boa para o esconder de potenciais ladrões, cuja existência parecia, em todo o caso, improvável neste local.

Subi dois lanços de escada e bati à porta na qual se lia 3B. Após contar até dez, toquei à campainha. Nada. Toquei à campainha uma vez mais, e a porta do 3A foi aberta.

— Ele não está em casa — disse uma voz rude.

Voltei-me para deparar com um velho descarnado, vestido com simplicidade e elegância: botas velhas, calças de ganga novas, uma camisa de vaqueiro e uma gravata também de vaqueiro. A única coisa que lhe faltava era um chapéu de vaqueiro. Havia qualquer coisa — penso que seriam as botas — que cheirava vagamente a cavalo. E a ser feérico.

— Não está?

Oficialmente, todos os seres feéricos têm a sua identidade revelada publicamente e assim tem sido há muito tempo. Mas a verdade é que os Senhores Cinzentos que governam os seres feéricos foram muito seletivos em relação àqueles de que o público tem conhecimento e àqueles que poderão incomodar o público — ou que são mais úteis fazendo-se passar por humanos. Por exemplo, existem alguns senadores que são criaturas feéricas sob disfarce. Não há nada na Constituição que indique a assunção do cargo de senador por parte de uma criatura feérica como algo ilegal, e os Senhores Cinzentos pretendem que isso se mantenha.

Este ser feérico estava a esforçar-se bastante por passar por humano; não haveria de gostar que eu dissesse que não o era. Portanto guardei a minha descoberta para mim.

Os seus olhos desbotados cintilaram enquanto abanava a cabeça.

— Não, não estive em casa o dia todo.

— Sabe onde ele está?

— O Phin? — O velho riu-se, pondo a descoberto uma dentição tão uniforme e branca que parecia falsa. Talvez fosse. — Ora, ele passa a maior parte do tempo na livraria. Por vezes as noites também.

— Ele estava aqui a noite passada? — perguntei.

Olhou-me e exibiu um sorriso rasgado.

— Não. Ele não. Talvez tenha comprado a biblioteca de uma propriedade qualquer e esteja na livraria a catalogá-la. Às vezes faz isso. — O vizinho de Phin relanceou os olhos na direção do céu, avaliando as horas. — Ele não abre a porta depois da hora de fecho. Enfia-se na cave e não consegue ouvir ninguém. O melhor será esperar até amanhã de manhã e procurá-lo na livraria.

Olhei para o meu relógio. Precisava de ir a casa preparar-me para o meu encontro com Adam.

— Se tiver alguma coisa para lhe entregar — disse o velho, de olhos claros como o céu, — pode deixá-la comigo.

Os seres feéricos não mentem. Costumava pensar que não *conseguiam* mentir, mas o livro que pedira emprestado esclarecia de forma bastante elucidativa que havia outros fatores envolvidos. O vizinho de Phin não disse que ele estava a trabalhar na livraria. Disse «talvez». Tão-pouco disse que não sabia onde Phin estava. Os meus instintos estavam a ferver e tive de me esforçar por manter uma aparência descontraída.

— Estou aqui para verificar se está bem — disse-lhe, o que era verdade. — Tem o telemóvel desligado e estava preocupada com ele. — E depois arrisquei. — Ele não mencionou nenhum dos vizinhos dele. Vive aqui há pouco tempo?

Ele disse:

— Mudei-me há não muito tempo.

Depois, mudando de assunto, comentou:

— Talvez tenha deixado o carregador em casa. Tentou ligar para o número da livraria?

— Apenas tenho um número dele — respondi. — Acho que é o do telemóvel pessoal.

— Se me disser o seu nome, eu comunico-lhe que estive aqui.

Deixei que o meu sorriso amigável se ampliasse.

— Não precisa de se dar a esse trabalho. Eu encontro-o. É bom saber

que o Phin tem vizinhos que olham por ele. — Não lhe agradei; agradecer a uma criatura feérica implica ficar em dívida para com ela, e estar em dívida para com uma criatura feérica é uma coisa muito má. Limitei-me a dirigir-lhe um aceno enérgico a partir do fundo das escadas.

Não tentou deter-me, mas observou todo o meu percurso até ao carro. Arranquei e, depois de desaparecer do seu campo de visão, encostei para telefonar a Tad.

— Olá — escutei do outro lado. — Este é o meu atendedor de chamadas. Talvez esteja a estudar; talvez tenha saído para passar um bom bocado. Deixe o seu nome e número e talvez lhe ligue de volta.

— Ei — disse ao atendedor de chamadas de Tad. — É a Mercy. O Phin não estava em casa. — Hesitei. De regresso à segurança do meu carro, ocorreu-me que talvez pudesse ter exagerado em relação ao seu vizinho. Quanto mais conheço os seres feéricos, mais assustadores me parecem. No entanto, era provável que fosse inofensivo. Ou que fosse de facto assustador — mas não tinha nada a ver com Phin.

Portanto, acrescentei:

— Conheci o vizinho do Phin, que é um ser feérico. Sugeriu-me que ligasse para a livraria. Tens o número da livraria? Tentaste ligar para lá? Vou continuar à procura dele.

Desliguei e pus o *Rabbit* em movimento com a intenção de ir para casa. Todavia, não sei como, dei por mim na interestadual em direção a Richland, e não a Finley.

O misterioso telefonema de Phin a Tad e a desconfiança que sentia em relação ao vizinho de Phin puseram-me nervosa. O trajeto até à livraria de Phin era curto, disse a mim mesma. Não havia problema nenhum em passar por lá. Tad encontrava-se preso no outro lado do país e estava preocupado.

O Uptown é um centro comercial a céu aberto, o mais antigo de Richland. Contrariamente aos seus homólogos luxuosos mais recentes, quando se olha para o Uptown, a sensação que se tem é que alguém pegou em duas dúzias de lojas de diversos estilos e dimensões, as juntou sem critério e colocou um parque de estacionamento à sua volta.

Alberga os tipos de negócios que não prosperariam no centro comercial maior de Kennewick: restaurantes que não pertencem a nenhuma cadeia, várias lojas de antiguidades (velharias), um par de lojas de roupa em segunda mão, uma loja de música, uma casa de donuts, um ou dois bares e várias lojas cuja melhor descrição será «ecléticas».

A livraria de Phin situava-se perto da extremidade sul do centro comercial, e os seus amplos vidros haviam sido escurecidos para proteger os livros dos potenciais danos provocados pelo sol. Uma inscrição dourada

no vidro maior designava-a: LIVRARIA BREWSTER, LIVROS USADOS E RAROS.

Não havia qualquer luz acesa atrás dos estores, e a porta estava trancada. Encostei o ouvido ao vidro e pus-me à escuta.

Na forma humana continuo a ter uma excelente audição, não tão apurada quanto a da coiole, mas suficientemente boa para perceber que não havia ninguém a andar no interior da loja. Bati à porta, mas não obtive qualquer resposta.

No vidro à direita da porta encontrava-se um letreiro com o horário da livraria: das dez às dezoito, de terça a sábado. Domingo e segunda mediante combinação. O número apontado era o que eu já tinha. Pouco passava das dezoito.

Bati à porta uma última vez, depois voltei a relancear os olhos ao meu relógio. Se respeitasse o limite de velocidade, teria dez minutos até o lobisomem me aparecer à porta.

O carro do meu companheiro de casa estava no caminho de entrada, em perfeita sintonia com a minha caravana de seis metros por vinte e sete, de 1978. Carros muito caros, à semelhança das verdadeiras obras de arte, influenciam o ambiente para se acomodarem. Pelo simples facto de ali estar, o seu carro transformava a minha caravana numa casa da classe alta — independentemente do aspeto da própria caravana.

Samuel tinha o mesmo dom de nunca estar deslocado, sempre integrado, ao mesmo tempo que veiculava a sensação de que se estava na presença de alguém especial, alguém importante. As pessoas gostavam dele instintivamente, e confiavam nele. Isso era-lhe útil enquanto médico, mas sentia-me inclinada a pensar que lhe era útil em demasia enquanto homem. Estava demasiado habituado a levar a dele avante. Quando o charme não funcionava, usava um cérebro tático que não ficava atrás do de Rommel.

Daí a sua presença como meu companheiro de casa.

Demorara algum tempo até descortinar a verdadeira razão pela qual fora viver para a minha casa: Samuel precisava de um bando. Os lobisomens não se dão bem sozinhos, especialmente os lobos mais velhos, e Samuel era um lobo muito velho. Velho e dominante. Em qualquer bando, excetuando o do seu pai, ele seria um Alfa. O seu pai era Bran, o Marrok, o mais *über* lobisomem de entre todos.

Samuel era médico, e isso era uma responsabilidade mais do que suficiente para ele. Não queria ser um Alfa; não queria permanecer no bando do pai.

Adotava uma postura de lobo solitário, vivendo comigo no território

do Bando da Bacia do Columbia, mas sem fazer parte dele. Eu não era uma mulher-loba, mas tão-pouco era uma humana indefesa. Crescera no seio do bando do seu pai, e isso significava que era quase da família. Até ao momento, ele e Adam, o Alfa do bando local — e meu namorado —, não se tinham mandado um ao outro com o intuito de matar. Estava moderadamente esperançosa de que esse estado de coisas assim se mantivesse.

— Samuel? — chamei enquanto entrava em casa apressadamente. — Samuel?

Não respondeu, mas conseguia sentir-lhe o cheiro. O odor característico do lobisomem era demasiado forte para poder ser reduzido a um vestígio de passagem. Avancei lentamente através do estreito corredor de acesso ao seu quarto e bati suavemente à porta.

Não era incomum dele ignorar-me quando chegava a casa.

Preocupava-me com Samuel ao ponto de ficar paranoica. Ele não estava muito bem. Destroçado, mas funcional, pensava, com uma depressão latente que parecia nem piorar nem melhorar à medida que os meses passavam. O seu pai suspeitava que algo de errado se passava, e eu tinha a convicção de que a razão pela qual Samuel estava a viver comigo e não na sua própria casa, em Montana, se prendia com o facto de ele não querer que o seu pai se inteirasse completamente do quanto estava destroçado.

Samuel abriu a porta, com o seu eu habitual, alto e esguio: atraente, como o é a maioria dos lobisomens, independentemente da estrutura óssea. Perfeita saúde, juventude permanente e músculos de sobra são uma fórmula bastante consistente para a boa aparência.

— Tocaste à campainha? — disse numa imitação inexpressiva de Lurch, descendo a voz ao registo mais grave que alguma vez lhe escutara. Na noite anterior, assistíramos a uma série de episódios da *Família Adams* na televisão. Se estava a ser engraçado, era porque estava bem. Mesmo considerando que não me estava a olhar diretamente, como se pudesse estar preocupado com o que eu viesse a detetar.

Uma Medea ronronante encontrava-se estirada sobre um dos ombros. A minha gatinha *Manx*, de olhos semicerrados, dirigiu-me um olhar agradado enquanto ele a aflagava. Quando a mão de Samuel lhe percorreu o dorso, pôs as garras posteriores a descoberto e arqueou o seu rabo de cauda no ar.

— Ai — disse, tentando afastá-la, porém ela tinha cravado as garras na sua camisa de flanela gasta e estava agarrada a ele com mais firmeza do que velcro — e infligindo mais dor, também.

— Hum — pronunciei, tentando não rir. — Eu e o Adam vamos sair hoje à noite. Jantarás sozinho. Não tive oportunidade de ir à mercearia, por isso há pouca coisa.

Ficou de costas voltadas para mim enquanto se curvava sobre a cama de modo a que, no caso de se conseguir desprender da gata, ela não caísse no chão.

— Está bem — replicou. — Ai, gata. Não sabes que eu era capaz de te comer de uma só dentada? Nem sequer — ai —, nem sequer ficava a cauda à mostra.

Deixei-o entregue à sua tarefa e apressei-me ao meu quarto. O meu telemóvel tocou antes que alcançasse a porta.

— Mercy, ele está a caminho e tenho uma informação para ti — disse a voz da filha adolescente de Adam ao meu ouvido.

— Ei, Jesse. Onde é que vamos esta noite?

Ao pensar nele, conseguia sentir a sua expectativa e o couro macio do volante sob as suas mãos — porque Adam não era apenas o meu namorado; era o meu companheiro.

Em termos lupinos, isso significava algo ligeiramente diferente para cada casal. Estávamos ligados não apenas pelo amor, mas pela magia. Tomei conhecimento de que alguns casais mal conseguem perceber a diferença... e alguns tornam-se virtualmente a mesma pessoa. Uf. Felizmente, eu e Adam encontrávamo-nos algures no meio. No essencial.

Tínhamos sobrecarregado o circuito de magia entre nós na primeira ocasião em que firmámos o nosso vínculo. Desde então provara ser errática e invasiva, aparecendo e desaparecendo intermitentemente durante umas horas, para depois desaparecer novamente durante dias. Desconcertante. Suponho que já me teria habituado ao vínculo com Adam se a magia fosse consistente, tal como Adam me assegurou que deveria ser. Nas circunstâncias atuais, tendia a apanhar-me de surpresa.

Senti o volante vibrar sob a mão de Adam no momento em que ligou o carro. Depois arrancou e eu estava com a roupa do trabalho a falar com a filha dele ao telefone.

— Jogar bowling.

— Obrigada, miúda — disse-lhe. — Eu trago-te um gelado de cone. Tenho de ir tomar um duche.

— Deves-me cinco dólares, embora um gelado até fosse bem-vindo — devolveu com uma firmeza de mercenária que eu respeitava. — É bom que te despaches a tomar esse duche.

Eu e Adam tínhamos um jogo, algo por pura diversão. O lobo nele a brincar comigo, pensei, porque a sensação que dava era essa: um jogo simples sem perdedores era uma brincadeira de lobo, algo que eles faziam com aqueles que amavam. Não acontecia frequentemente com o bando como um todo, mas no seio de grupos mais pequenos, sim.

O meu parceiro não me dizia onde nos ia levar — deixando para mim

a tarefa de descobrir os seus planos através dos meios necessários. O facto de esperar que fosse bem-sucedida era um sinal do seu respeito.

Esta noite subornara a filha dele para que me telefonasse, informando-me de tudo o que soubesse, mesmo que fosse apenas o que Adam tinha vestido quando saísse porta fora. Então eu vestir-me-ia apropriadamente — e fingir-me-ia espantada por combinarmos tão bem sem que eu tivesse a mais pálida ideia de onde me ia levar.

Um jogo para namoriscar, mas também um jogo concebido para nos distrair a ambos da razão pela qual estávamos a sair juntos em vez de partilharmos o mesmo espaço enquanto parceiros. O bando dele não gostava que a sua companheira fosse uma metamorfa coioite. Ainda mais do que em relação aos da sua espécie, os lobos não gostam de partilhar território com outros predadores. Mas tinham tido muito tempo para se habituarem a isso, e a maioria deles havia-se resignado — até Adam me ter introduzido no bando. Não devia ter sido possível. Nunca ouvi falar em um companheiro que não fosse lobisomem integrar um bando.

Escolhi a roupa que ia vestir e pulei para o chuveiro. A cabeça do chuveiro estava posicionada a um nível baixo, pelo que não me foi difícil manter as tranças fora do alcance do jato de água enquanto esfregava as mãos com pedra-pomes e uma escova de unhas. Já me tinha lavado, mas todo o cuidado era pouco. Muita da sujidade estava entranhada e as minhas mãos nunca viriam a ter o aspeto das de uma modelo.

Quando emergi da casa de banho embrulhada numa toalha, ouvi vozes provenientes da sala de estar. Samuel e Adam estavam a manter um tom de voz deliberadamente baixo de modo a que eu não conseguisse distinguir as palavras, mas não me parecia que houvesse qualquer tipo de tensão. Gostavam um do outro, mas Adam era Alfa e Samuel um lobo solitário mais forte do que ele. Por vezes tinham problemas em estar juntos na mesma sala, mas hoje não era manifestamente o caso.

Estiquei os braços para pegar nas calças de ganga que colocara em cima da minha cama.

Bowling.

Hesitei. Simplesmente não conseguia visualizar na minha cabeça. Não a parte do bowling — tinha a certeza que Adam gostava de bowling. Atirar uma bola pesada contra uma série de pinos indefesos e observar o caos daí resultante é precisamente o tipo de coisa que os lobisomens adoram.

O que eu não conseguia visualizar era Adam a contar a Jesse que me ia levar a jogar bowling. Não numa altura em que andava a tentar esconder os planos que tinha para mim. Na última ocasião em que tínhamos falado, a única coisa que fora capaz de me dizer era a roupa que ele tinha vestida quando saía de casa.

Talvez estivesse a ser paranoica. Abri o armário e olhei para as escassas opções ali penduradas. Tinha mais vestidos do que no ano anterior. Mais três.

Jesse teria reparado se ele se tivesse aperaltado.

Relanceei os olhos à cama, onde as minhas calças de ganga e uma t-shirt azul-escura me apelavam com o seu conforto. Os subornos podem dar para os dois lados — e Jesse acharia divertido fazer de agente dupla.

Portanto retirei do armário um vestido cinzento-claro, suficientemente elegante para poder ser usado na mais formal das ocasiões e não vistoso ao ponto de parecer deslocado num restaurante ou sala de cinema. Se fôssemos realmente jogar bowling, podia fazê-lo com aquele vestido. Enfiei-me no vestido e desentranchei rapidamente o cabelo, penteando-o.

— Mercy, ainda não estás pronta? — perguntou Samuel com um quê de divertimento na voz. — Não disseste que tinhas um encontro escaldante?

Abri a porta e constatei que não tinha propriamente acertado. Adam trazia um smoking vestido.

Adam é mais baixo do que Samuel, com a constituição física de um praticante de luta livre e o rosto de um... não sei. É o rosto de Adam, e é suficientemente bonito para distrair as pessoas do ar de poder que tem em si. O seu cabelo é escuro e usa-o curto. Numa ocasião disse-me que é para que os militares com que tem de lidar no seu negócio na área da segurança se sintam confortáveis à beira dele. No entanto, nos últimos meses, à medida que o fui conhecendo melhor, fui levada a pensar que o faz porque o seu rosto o embaraça. O cabelo curto remove qualquer indício de vaidade e diz: «Aqui estou. Vamos ao que interessa.»

Amá-lo-ia mesmo que tivesse três olhos e dois dentes, mas por vezes a beleza dele deixa-me simplesmente arrebatada. Pestanejei uma vez, respirei fundo e enxotei a necessidade de proclamá-lo *meu* de modo a conseguir trazer a minha mente de volta ao modo interativo.

— Ah — disse, estalando os dedos, — eu sabia que me tinha esquecido de alguma coisa. — Corri em direção ao meu roupeiro e saquei um reluzente agasalho prateado que acrescentava ao cinzento o esmero apropriado.

Voltei a sair e deparei com Samuel a dar uma nota de cinco dólares a Adam.

— Eu disse-te que ela ia descobrir — comentou Adam presunçosamente.

— Ainda bem — disse-lhe. — Podes dar esse dinheiro à Jesse. Ela disse-me que íamos ao bowling. Preciso de arranjar uma espiã melhor.

Exibiu um sorriso rasgado e tive de me esforçar para manter uma expressão zangada. Estranhamente, não foi a beleza de Adam-com-um-sorri-

so que me deliciou quando exibiu um sorriso rasgado — embora a sua aparência fosse verdadeiramente espetacular. Foi a consciência de que o fizera sorrir. Adam não era dado a... jovialidades, exceto comigo.

— Ei, Mercy — disse Samuel enquanto Adam abria a porta principal. Voltei-me e ele deu-me um beijo na testa.

— Sê feliz. — A estranha frase prendeu-me a atenção, mas não havia nada de estranho no que disse a seguir. — Vou fazer o turno da noite. O mais provável é não te ver quando regressares. — Ergueu a cabeça na direção de Adam, fitando-o num desafio de macho para macho que levou Adam a estreitar os olhos. — Toma conta dela. — Depois empurrou-nos para o exterior e fechou a porta antes que Adam pudesse sentir-se ofendido com a ordem.

Momentos depois, Adam riu e abanou a cabeça.

— Não te preocupes — disse, sabendo que o outro lobo o escutaria através da porta. — A Mercy toma conta de si própria; a mim só me cabe tratar dos estragos posteriormente. — Se não estivesse de olhos cravados nele, não lhe teria visto os lábios torcidos enquanto falava. Como se não gostasse particularmente do que estava a dizer.

Subitamente, senti-me constrangida. Gosto do que sou — mas há imensos homens que não. Sou mecânica. A primeira mulher de Adam era toda curvas delicadas, mas eu sou sobretudo músculo. Uma característica não muito feminina, gostava de dizer a minha mãe em tom de queixa. E depois havia aquelas idiossincrasias que haviam resultado da violação.

Adam estendeu-me a mão, e eu pus a minha na dele. Tinha-se tornado muito bom a convidar o meu toque. A não me tocar primeiro.

Olhei para os nossos dedos entrelaçados enquanto descíamos as escadas do alpendre. Pensava que estava a melhorar, que os tremores involuntários, o medo, estavam a desaparecer. Ocorreu-me que talvez ele tivesse melhorado a sua capacidade de resolver os meus medos.

— Que se passa? — perguntou-me no momento em que parámos ao lado da sua carrinha.

Era tão recente que ainda tinha um autocolante na janela do banco traseiro. Substituíra o seu SUV depois de um dos lobisomens dele ter amolgado o para-choques enquanto me defendia — seguido de um outro incidente em que um elfo da neve (um enorme e grasnante ser feérico) que me estava a perseguir fez cair sobre ele a fachada de um edifício.

— Mercy... — Franziu-me o cenho. — Não me debes nada por causa da porcaria da carrinha.

A mão dele ainda segurava a minha, e por momentos percebi que o nosso vínculo inconstante como parceiros o fizera perceber o que eu estava a pensar. Até uma visão me ter feito cair sobre os joelhos.

...

Estava escuro e Adam encontrava-se ao computador no escritório da sua casa. Os olhos ardiavam-lhe, as mãos doíam-lhe e as costas estavam hirtas das muitas horas de trabalho.

A casa estava silenciosa. Demasiado silenciosa. Nenhuma mulher para proteger do mundo. Já tinha deixado de a amar há muito tempo — é perigoso amar alguém que não nos ama. Tinha sido soldado demasiado tempo para se colocar deliberadamente em risco sem uma boa razão. Ela amava o estatuto dele, o dinheiro dele e o poder dele. E teria amado mais estas características se pertencessem a alguém que lhe obedecesse.

Ele não a amava, mas amara o facto de ter cuidado dela. Amava o facto de lhe comprar pequenos presentes, amava a ideia que tinha dela.

Tê-la perdido fora mau; ter perdido a sua filha fora muitíssimo pior. Jesse espalhava barulho e alegria por onde quer que passasse — e a sua ausência era... difícil. O lobo dentro dele sentia-se inquieto. Era uma criatura que agia consoante o momento, o seu lobo. Era impossível confortá-lo com a ideia de que Jesse viria passar o verão com ele. Como não confortava particularmente o Adam homem. Portanto tentou distrair-se com o trabalho.

Alguém bateu à porta das traseiras.

Empurrou a cadeira para trás e teve de se deter. O lobo estava zangado por alguém ter desrespeitado o seu santuário. Nem mesmo o seu bando tivera coragem suficiente para o procurar em sua casa nos últimos dias.

Quando entrou na cozinha em passo silencioso, tinha o lobo praticamente sob controlo. Abriu a porta das traseiras bruscamente e esperava deparar com um dos seus lobos. Mas era a Mercy.

Não parecia bem-disposta — mas a verdade é que isso raramente acontecia quando tinha de ir a casa dele para lhe falar. Era forte e independente, e de modo algum agradada com o facto de ele interferir, fosse de que maneira fosse, com essa independência. Há já muito tempo que ninguém lhe dava ordens como ela dava — e ele gostava disso. Mais do que seria de esperar de um lobo que era Alfa há vinte anos.

Ela cheirava a óleo de carro queimado, a jasmim por causa do champô que vinha usando naquele mês e a chocolate. Ou talvez este último cheiro proviesse dos biscoitos colocados no prato que ela lhe estendia.

— Toma — disse rigidamente. E ele apercebeu-se de que era timidez o que lhe estreitava os cantos da boca. — O chocolate normalmente ajuda-me a recuperar o equilíbrio quando a vida me prega uma rasteira.

Não esperou que ele dissesse nada, limitando-se a dar meia-volta e regressar para a sua casa.

Ele levou os biscoitos consigo para o escritório. Passados alguns minu-

tos, comeu um. O chocolate, espesso e preto, alastrou-se pela língua, a sua amargura atenuada por uma quantidade pecaminosa de açúcar amarelo e baunilha. Tinha-se esquecido de comer e não se dera conta.

No entanto, não haviam sido o chocolate ou a comida os responsáveis por se ter sentido melhor. Fora a gentileza de Mercy para com alguém que ela via como seu inimigo. E, precisamente nesse instante, apercebeu-se de algo. Ela jamais o amaria por aquilo que ele pudesse fazer por ela.

Comeu mais um biscoito antes de se levantar para preparar o jantar.

Adam pôs fim à ligação entre nós, até esta se reduzir a um fio de teia.

— Desculpa — murmurou-me ao ouvido. — A sério. F... — Engoliu a obscenidade antes que lhe saísse dos lábios. Puxou-me para mais perto de si e apercebi-me de que ambos estávamos sentados na gravilha do caminho de entrada, junto à carrinha. E que sentia a gravilha bastante fria na minha pele nua.

— Estás bem? — disse ele.

— Tens noção do que me mostraste? — perguntei-lhe. A minha voz estava rouca.

— Acho que foi um *flashback* — respondeu. Já me vira a ter alguns.

— Não foi um dos meus — repliquei. — Foi um dos teus.

Ficou imóvel.

— Foi mau?

Tinha estado no Vietname; era lobisomem desde antes de eu ter nascido — era provável que já tivesse visto muitas coisas más.

— Pareceu-me um momento privado que eu não deveria ter visto — disse-lhe com a máxima honestidade. — Mas não foi mau.

Vira-o no momento em que eu passara a ser algo mais do que uma tarefa para o Marrok.

Recordei como me senti estúpida, postada no alpendre traseiro com um prato de biscoitos para um homem cuja vida acabara de ruir entre as chamas de um divórcio terrível. Não tinha dito nada quando me abrira a porta — pelo que na altura supus que também ele tinha achado a situação estúpida. Depois disso, regressei a casa o mais depressa que consegui sem correr.

Não fazia a menor ideia de que tinha ajudado. Tão-pouco sabia que ele me considerava forte e capaz. Curioso... Sempre tinha pensado que parecia fraca aos olhos dos lobisomens.

E se eu voltasse a estremecer caso ele se esquecesse e colocasse uma mão sobre o meu ombro? O tempo trataria de solucionar isso. Eu já estava muito melhor: os *flashbacks* diários da violação eram uma coisa do passa-

do. Tínhamos resolvido isso. Adam estava disposto a fazer concessões por mim.

E o nosso vínculo como que se retesou bruscamente, à semelhança de um elástico — o que acontecia às vezes —, e voltou ao sítio, dando-lhe acesso aos meus pensamentos, como se a minha cabeça fosse transparente como vidro.

— Tudo o que precisares — disse ele, o corpo subitamente quieto como o ar da noite. — Tudo o que eu puder fazer.

Relaxei os ombros, enterrando o nariz na sua clavícula, e, instantes depois, o relaxamento era genuíno.

— Amo-te — disse-lhe. — E precisamos de falar sobre aquele assunto de eu te dar dinheiro por causa da carrinha.

— Eu não...

Cortei-lhe a palavra. A minha intenção era levar o meu dedo aos lábios dele ou algo terno como isso. Porém, levantara bruscamente a cabeça em reação à sua resposta e batera com a testa no seu queixo, calando-o de forma muito mais eficaz do que tencionara, visto que mordera a própria língua.

Riu enquanto o sangue lhe escorria pela camisa, e eu balbuciei pedidos de desculpa. Deixou que a cabeça lhe caísse para trás, embatendo na porta da carrinha com um baque.

— Deixa estar, Mercy. Daqui a nada o corte sara sozinho.

Afastei-me até ficar sentada ao seu lado — meio a rir, porque embora provavelmente lhe tivesse doído um bom bocado, tinha razão quando dizia que o ferimento ia sarar em pouco tempo. Era um ferimento menor, e ele era um lobisomem.

— Vais parar de tentar pagar o SUV — disse-me.

— O problema do SUV *foi* culpa minha — informei-o.

— Tu não atiraste uma parede para cima dele — replicou. — Se ainda fosse o arranjo da amolgadela, até era capaz de te ter deixado pagar...

— *Nem* sequer tentes mentir-me — irritei-me indignadamente, e ele voltou a rir.

— Está bem. Não teria deixado. Mas, seja como for, é uma questão que não faz sentido, porque depois de a parede lhe ter caído em cima, reparar a amolgadela estava fora de questão. E a falta de controlo do elfo da neve foi da inteira responsabilidade do vampiro...

Podia ter continuado a discutir com ele — normalmente gosto de discutir com Adam. Mas havia coisas das quais gostava mais.

Inclinei-me para a frente e beijei-o.

Sabia a sangue e a Adam — e não parecia ter qualquer problema em transitar do modo de conflito ameno para o modo paixão. Passado algum

tempo — não sei quanto —, Adam olhou para baixo, na direção da sua camisa manchada de sangue, e desatou a rir novamente.

— Parece que afinal podemos ir jogar bowling — disse, ajudando-me a levantar.

Antes parámos numa casa de bifes para jantar.

Ele deixara o casaco e a camisa formal manchados de sangue no carro e retirara uma t-shirt azul-escura de um saco com roupas diversas, pousado no banco traseiro. Tinha-me perguntado se ficava mal, assim vestido com uma t-shirt e calças de smoking. Não conseguia ver o modo como a t-shirt se colava aos músculos dos seus ombros e costas. Tranquilizei-o, sem mentir — e com cara séria —, que ninguém se ia importar.

Era sexta-feira à noite, e o restaurante estava cheio de gente. Felizmente, o serviço foi rápido.

Depois de a empregada de mesa ter anotado os nossos pedidos, Adam, de forma mais descontraída do que seria de esperar, disse:

— Então o que é que apareceu na tua visão?

— Nada de constrangedor — respondi. — Apenas um episódio em que te fui levar biscoitos.

Os seus olhos iluminaram-se.

— Estou a ver — disse, e os seus olhos relaxaram um tudo-nada, apesar de as bochechas lhe terem ruborescido. — Eu estava a pensar nisso.

— Ficas chateado? — perguntei. — Desculpa se me intrometi.

Abanou a cabeça.

— Não é necessário pedir desculpa. Estás à vontade para ver o que quer que apareça.

— Muito bem — disse eu descontraidamente. — Então a tua primeira vez foi debaixo da bancada?

Levantou bruscamente a cabeça.

— Apanhei-te. O Warren contou-me.

Sorriu.

— Frio, molhado e miserável.

A empregada de mesa pôs a comida à nossa frente e afastou-se apressadamente. Adam deu-me a comer bocados do seu *filé mignon* mal passado e eu dei-lhe a provar o meu salmão. A comida estava boa, a companhia ainda melhor, e se eu fosse uma gata, teria ronronado.

— Pareces feliz. — Deu um gole do seu café e esticou uma das pernas, encostando o pé ao meu.

— Tu fazes-me feliz — repliquei.

— Podias estar sempre feliz — disse, comendo o último pedaço de batata assada — se viesses viver comigo.

Para acordar ao seu lado todas as manhãs... mas...

— Não. Já te causei problemas de sobra — disse-lhe. — Eu e o bando precisamos de chegar a um... estado de calma antes de eu ir viver contigo. A tua casa é o ponto de encontro, o coração do bando. Eles precisam de um lugar onde se sintam seguros.

— Eles podem adaptar-se.

— Eles estão a adaptar-se o mais depressa que conseguem — disse-lhe. — Primeiro foi o Warren... Sabias que depois de o teres deixado integrar o bando, houve vários outros bandos que também permitiram a integração de lobisomens homossexuais? E agora sou eu. Uma coiole num bando de lobisomens... Tens de admitir que são muitas mudanças para um bando aceitar.

— Quando dermos por ela — disse, — as mulheres vão poder votar ou um homem negro vai ocupar o cargo de presidente. — O seu ar era sério, mas havia humor na sua voz.

— Estás a ver? — Apontei-lhe o garfo. — Pararam todos no século XIX e estás à espera que eles mudem. O Samuel gosta de dizer que a maior parte dos lobisomens é confrontada com o máximo grau de mudança suportável no primeiro dia em que se transforma. É difícil impor-lhes outros tipos de transformação.

— O Peter e o Warren são os únicos que aqui andam desde o século XIX — informou-me Adam. — A maior parte deles é mais nova do que eu.

A empregada de mesa aproximou-se e pestanejou um pouco quando Adam pediu três sobremesas — os lobisomens ingerem imensa comida para se manterem abastecidos. Abanei a cabeça quando ela olhou na minha direção.

Quando se afastou, retomei a conversa a partir do ponto onde fora interrompida.

— Não nos faz mal nenhum esperar uns meses até que as coisas assemtem.

Se não concordasse comigo no essencial, já estaria a dormir em sua casa em vez de nos remediarmos com encontros. Percebia tão bem como eu que o facto de me ter puxado para o seu bando causara imenso ressentimento. Talvez se se tratasse de um bando saudável e harmonioso, as coisas não tivessem ficado tão tensas.

Há uns anos, alguns elementos do seu bando começaram a molestar-me — uma coiote a viver na porta ao lado. Os lobisomens, à semelhança dos lobos, são territoriais, e não partilham facilmente o território de caça com outros predadores. Portanto, para pôr fim a isso, Adam declarou-me sua parceira. Na altura, não sabia por que motivo a perseguição parara abruptamente — e Adam não se mostrara particularmente lesto a explicar-me. No entanto, a magia do bando exigiu que a declaração fosse correspondida, e Adam pagou o preço de não ter sido. Isso deixou-o mais fraco, mais rezingão e menos capaz de ajudar o seu bando a permanecer calmo, sereno e tranquilo. Ao incorporar-me como membro no seu bando virtualmente ao mesmo tempo que o nosso laço de união se consumava, Adam não dera aos seus lobisomens a possibilidade de sentirem o chão debaixo dos pés antes de voltar a lançá-los para terreno incerto.

— Mais um mês — disse finalmente. — E depois eles, Samuel incluído, simplesmente vão ter de se habituar à ideia. — Os seus olhos, cor de chocolate preto amargo, estavam sérios quando se inclinou para a frente. — E vais casar comigo.

Sorri, mostrando os dentes.

— Não quererás dizer «Vais casar comigo?»

A minha intenção era ter graça, mas os olhos dele iluminaram-se até pequenas manchas douradas começarem a nadar na escuridão.

— Tiveste a tua oportunidade de escapar, coiote. Agora é tarde de mais. — Sorriu. — A tua mãe está contente por poder usar algumas das coisas para o casamento da tua irmã que não chegou a ser.

O pânico dilatou-me o coração.

— Não falaste com ela sobre isto, pois não? — Tive visões de uma igreja repleta de pessoas e cetim branco por todo o lado. E pombas. A minha mãe tivera pombas no seu casamento. A minha irmã fugira para se ver livre dela. A minha mãe é uma força invencível e não é muito boa a ouvir... quem quer que seja.

O lobo abandonou os seus olhos e exibiu um sorriso rasgado.

— Vives bem com a ideia de casar com um lobisomem que tem uma filha adolescente e um bando que se está a desmoronar... e a tua mãe causou-te pânico?

— Tu conhecestes a minha mãe — respondi. — Também te devia causar pânico a ti.

Soltou uma risada.

— Apenas não estiveste com ela tempo suficiente. — Era mais do que justo avisá-lo.

Tivemos sorte e ficámos com a tabela de pontuação só para nós, uma vez que as mulheres que ocupavam a pista à nossa esquerda estavam a arrumar as coisas quando regressámos após a escolha das nossas bolas. A minha era verde brilhante com redemoinhos dourados. A de Adam era preta.

— Não tens imaginação nenhuma — disse-lhe presunçosamente.
— Não te fazia mal nenhum teres escolhido uma bola cor-de-rosa para jogar.

— Todas as bolas cor-de-rosa têm buracos do tamanho de dedos de criança — replicou. — As pretas são as mais pesadas.

Abri a boca, mas ele calou-me com um beijo.

— Aqui não — disse-me. — Olha para o nosso lado.

Estávamos a ser observados por um miúdo que teria cerca de cinco anos e uma criança que mal começara a andar, enfiada num vestido cor-de-rosa com folhos.

Levantei o nariz.

— Como se eu me fosse pegar contigo por causa da tua bola. Que infantil. Dirigiu-me um sorriso rasgado.

— Bem me pareceu que ias achar isso.

Sentei-me e brinquei com os nomes dos jogadores na interface na tabela de pontuação até me sentir satisfeita.

— Faleceu Ontem Rastejando Doente — disse secamente, olhando por cima do meu ombro.

— Pensei em usar os nossos carros como nomes. Agora conduzes um *Ford*. F-O-R-D.

— Vejam Wow?

— Não há muitas palavras fixas começadas por «W» — admiti.

Inclinou-se sobre o meu ombro e mudou para «Velho Wabbit». — Depois disse-me ao ouvido: — Vué *Wild*. O meu.

— Consigo viver com isso. — O seu sopro quente no meu ouvido era vué *wild*, quanto a isso não havia dúvidas.

Até me aproximar de Adam, sempre me sentira como a sua bola de bowling preta — desinteressante mas útil. Não sou nada de especial no departamento da aparência, excetuando a tez ligeiramente exótica herdada do meu pai, que pertencia à tribo Blackfoot. E o Adam... Cabeças são viradas quando Adam passa. Até na pista de bowling ele atraía atenções.

— Vai lá atirar a tua bola preta desinteressante — disse-lhe aspera-

mente. — Lançar charme para cima de quem regista os resultados não te vai ajudar porque os computadores agora registam a pontuação.

— Como se eu precisasse de ajuda — replicou num sorriso afetado, recuando alguns passos antes de se voltar para prestar atenção aos pobres e indefesos pinos.

Atirou a bola com o fervor implacável e o estilo decidido com que fazia tudo. Poder controlado, Adam era isso.

No entanto, comecei a notar algo mais do que admiração nos olhares fixos das pessoas que nos começavam a observar. Ou melhor, a Adam. Ele não era propriamente uma celebridade; fazia por não aparecer nas notícias. Porém, Adam era um dos lobos que se tinha dado a conhecer ao público — um sóbrio e bem-sucedido homem de negócios cuja empresa de segurança protegia a tecnologia nuclear americana de mãos estrangeiras: um tipo porreiro que por acaso era lobisomem. Tudo ótimo e esplêndido quando lido nos jornais, presumo. Mas era diferente ver um lobisomem no sítio onde estavam a jogar bowling.

Têm medo dele.

O pensamento foi tão forte que senti que alguém mo estava a sussurrar ao ouvido, trazendo consigo preocupação.

Olha para eles. Vi os homens aproximarem-se das suas mulheres, as mães a puxar rapidamente os filhos para junto de si. Dali a instantes haveria um êxodo em massa — e isso partindo do pressuposto que alguns dos jovens que se levantaram a cerca de quatro pistas de distância não iriam fazer algo estúpido.

Ele ainda não se apercebeu.

Adam dirigiu-me um sorriso maldoso de agrado enquanto regressava após o seu arremesso — um arremesso mais notável porque não havia nenhum pino despedaçado, nenhum equipamento estragado. Força a mais pode ser tão desvantajosa quanto força a menos.

Olha para o teu lado.

Peguei na minha bola verde e relanceei os olhos às pessoas ao nosso lado. Tal como Adam, estavam demasiado envolvidos no seu jogo para repararem nos sussurros crescentes. Um miúdo estava a gatinhar debaixo das cadeiras e os pais dele estavam a discutir por causa de uma coisa qualquer no quadro de resultados. A sua filha absolutamente adorável — com o seu vestido cor-de-rosa e leõezinhos também cor-de-rosa nos rabos-de-cavalo de cinco centímetros que tinha na nuca — trepara à plataforma de bowling e estava a brincar com a saída de ar das máquinas de retorno de bolas, concebida para secar mãos suadas. Agitava as mãozinhas no ar frio e ria.

O Adam vai sentir-se mal quando reparar que as pessoas se estão a ir embora por causa da sua presença.

Senti suor na testa, o que era ridículo porque estava fresco no interior. Parei a meio caminho entre o banco e a linha de arremesso (ou lá como se chama) e, imitando Adam, levantei a bola e segurei-a contra o meu peito.

Talvez haja uma maneira de mostrar a toda a gente que ele não é um monstro, mas um herói.

Olhei por cima do meu ombro e vi a criança a dar pancadas na saída de ar. O irmão dela regressara da zona dos bancos e estava a brincar com as bolas nas prateleiras a elas destinadas. A mãe tinha acabado de reparar que ele fugira da beira dela e levantara-se para o ir buscar.

Voltei a minha atenção para os pinos.

— Estás a ver? — perguntei a Adam. O impulso de fazer alguma coisa por Adam era tão forte que me fez cerrar os punhos.

— Estou de olhos bem abertos — disse. — Vais fazer algo extraordinário?

Fiz um movimento desastrado, como se nunca tivesse jogado bowling, falhei o arremesso e lancei a bola para trás, na direção da menina que brincava com o ar.

Assim que me saiu dos dedos, não conseguia acreditar no que acabara de fazer. A suar, a tremer e apavorada, voltei-me. No entanto, apesar de ser muito rápida, não vi o trajeto da bola.

Adam tinha-a apanhado a uns bons cinquenta centímetros da criança.

Ela olhou para cima, na direção de Adam, cuja queda estrondosa lhe interrompera a brincadeira. Quando viu que um homem desconhecido estava tão perto dela, esbugalhou os olhos e fez sobressair o lábio inferior.

Adam basicamente não liga a crianças (excetuando a sua filha). Apenas quando são adolescentes ou mais velhas e, como me disse uma ocasião, capazes de uma conversa interessante.

— Ei — disse ele, parecendo bastante desconfortável.

Ela pôs-se a observá-lo por momentos. Mas ela era do sexo feminino e Adam era... bom, era o Adam. Portanto colocou as mãos à frente da boca e deu uma risadinha.

Era adorável. Absolutamente encantadora. Ele era uma pessoa derrotada, e toda a gente que estava a observar conseguia ver isso.

A conquistadora em miniatura guinchou enquanto o pai a pegava pelos braços e a mãe, com o miúdo a seu reboque, balbuciou um «obrigada».

E tu és a vilã da peça. Pobre Mercy.

Claro que eu era a má da fita; por pouco não esmagara uma criança. Onde é que eu tinha a cabeça? Se ela tivesse dado um passo atrás ou se Adam não tivesse sido suficientemente rápido, ela poderia ter morrido.

Ela não correu qualquer perigo. Não atiraste a bola contra ela, ia passar-lhe ao lado. Não a teria atingido. Salvaste-o, e ele nem sequer se apercebeu.

Franziu-me o sobrolho depois de passarmos para a pista ao lado (para a segurança de todos, apesar de o gerente ansioso não se ter aproximado e dito isso). Recomeçámos o jogo e deixou-me ser a primeira.

Com todo o cuidado, fiz a bola rolar ao longo do canaleta, onde não havia probabilidade de atingir alguém. Não sei se o fiz por mim ou para tranquilizar quem me pudesse estar a observar.

Só estavas a tentar zelar pela felicidade do Adam. E este é o agradecimento que recebes.

Quase esmagar bebés não era propriamente um ato pelo qual esperasse receber um agradecimento. Esfreguei a testa como se esse gesto me ajudasse a tornar os pensamentos mais claros.

Não a teria atingido. Certificaste-te disso. Mesmo que Adam tivesse falhado, teria passado ao lado dela de forma inofensiva.

Adam observava-me pensativamente, mas não dizia nada enquanto eu construía a minha derrota por uma porrada de pontos. Dificilmente podia jogar bem depois do meu falhanço espetacular, senão alguém descobriria que tinha feito aquilo de propósito.

Eu *tinha* feito aquilo de propósito, não tinha?

Não conseguia acreditar que tinha feito uma coisa como aquela. O que é que me passou pela cabeça? Se Adam se tivesse mostrado mais recetivo, talvez tivesse falado com ele sobre isso.

Ele não quer ouvir o que tu tens a dizer. O melhor é ficares calada. Seja como for, ele jamais compreenderia.

Não me importei, nem tão-pouco protestei, com o facto de Adam se colocar numa posição que lhe desse garantias de que apanharia a bola no caso de eu voltar a perder o controlo. Afinal de contas, o seu salvamento da bebé ganhava outro impacto se ele parecesse achar que eu era uma idiota, certo?

Após quatro jogadas, Adam colocou-se à minha frente e, numa voz baixa que impossibilitava que mais alguém o ouvisse, disse:

— Fizeste de propósito, não fizeste? Que *diabo* te passou pela cabeça?

E por uma qualquer razão, apesar de concordar com ele, a sua pergunta deixou-me zangada. Ou talvez fosse a voz na minha cabeça.

Ele devia ter percebido mais cedo. Ele devia perceber a companheira dele melhor do que ninguém. Não devias ter de te defender perante ele. O melhor é não dizeres absolutamente nada.

Ergui uma sobranceira e contornei-o para pegar na minha bola. A dor alimenta a raiva. Estava tão furiosa que perdi a cabeça ao ponto de fazer um *strike*. Fiz por não marcar mais nenhum ponto no jogo — e não lhe dirigi uma única palavra.

Adam ganhou com uma pontuação acima dos duzentos. Quando ter-

minou o último arremesso, levou as nossas bolas para a prateleira enquanto eu mudava de sapatos.

Os rapazes adolescentes (por aquela altura a cinco pistas de distância) detiveram-no e pediram-lhe um autógrafo. Levei os sapatos de volta ao balcão e entreguei-os — e também paguei o jogo.

— Ele é mesmo o Alfa? — perguntou a adolescente atrás do balcão.

— Sim — disse por entre os lábios cerrados.

— Uau.

— Sim.

Abandonei o recinto de bowling e esperei por ele ao pé da sua nova carrinha reluzente, cujas portas estavam trancadas. A temperatura baixara sete graus assim que o Sol se pusera, suficientemente frio para me fazer sentir desconfortável, enfiada nos meus sapatos de salto e no meu vestido. Ou pelo menos assim seria se a minha irritação não me tivesse mantido quente.

Estava postada ao lado da porta do passageiro e ele não me viu logo. Vi-o levantar a cabeça e farejar o ar. Encostei a anca à parte lateral do carro e o movimento chamou-lhe a atenção. Manteve-se de olhos fitos em mim enquanto caminhava do edifício até à carrinha.

Ele pensa que tu serias capaz de deliberadamente colocar em risco uma criança para que ele fizesse boa figura. Ele não entende que tu jamais farias semelhante coisa. Ela não se teria magoado; a bola teria passado ao lado dela inofensivamente. Ele deve-te um pedido de desculpa.

Não lhe disse nada. Não podia explicar-lhe que as vizinhas me obrigaram a fazê-lo, pois não?

Semicerrou os olhos, mas também se manteve calado. Destrancou as portas e esperou que eu entrasse. Apertei o cinto e em seguida recostei-me no banco e fechei os olhos. As minhas mãos apertaram-se no meu colo, após o que se libertaram à medida que uma forma familiar se inseriu nelas, e aí senti a madeira velha e a prata do bastão feito pelas criaturas feéricas.

Habitudara-me tanto a que aparecesse inesperadamente que nem sequer fiquei surpreendida, embora esta tivesse sido a primeira ocasião em que de facto o tinha sentido aparecer do nada. Estava mais preocupada com o desastre do nosso encontro.

Com o bastão nas mãos, a minha cabeça como que se desanuviou finalmente. De repente já não estava zangada. Estava apenas cansada e queria ir para casa.

— Mercy.

A raiva de Adam valia pelos dois: conseguia ouvir os dentes dele ranger. Achava que eu era capaz de atirar uma bola de bowling a uma criança.

Não podia censurá-lo pela sua raiva. Mexi o bastão até a extremidade inferior tocar o chão e depois friccionei o polegar na cabeça de prata. Não

havia nada que eu pudesse dizer para me defender — eu não me queria defender. Tinha sido irrefletidamente estúpida. E se Adam tivesse sido mais lento? Senti-me mal.

— Não entendo as mulheres — disparou, ligando o carro e carregando no acelerador com um pouco mais de força do que a necessária.

Agarrei o bastão feérico com toda a minha força e mantive-me de olhos fechados durante toda a viagem até casa. O estômago doía-me. Ele tinha razão em estar zangado, razão em estar chateado.

Tive uma sensação violenta de que algo estava errado, muito errado. Não podia falar com ele porque tinha receio de piorar ainda mais a situação. Precisava de perceber por que motivo tinha feito aquilo antes de poder fazê-lo perceber.

Parámos na rampa de entrada da minha casa em silêncio. O carro de Samuel não estava lá, portanto deveria ter ido para o trabalho mais cedo do que tencionava. Precisava de falar com ele porque tinha um pressentimento bastante desagradável em relação a esta noite. Não podia falar com Adam — porque ia parecer que eu estava a tentar arranjar desculpas para mim mesma. Precisava de Samuel, e ele não estava aqui.

Desapertei o cinto de segurança e destranquei a minha porta — o braço de Adam passou à minha frente como uma bala e manteve a porta fechada.

— Precisamos de falar — disse, e desta vez não parecia zangado.

Mas ele estava demasiado perto. Não podia respirar com ele assim tão perto. E precisamente nesse momento, quando não podia mesmo permitir que isso acontecesse, tive mais um ataque de pânico.

Com um som desesperado que não consegui evitar, pus os pés em cima do banco num gesto brusco e pulei para o banco traseiro. A porta de trás também estava trancada, mas no momento em que tentei abri-la, Adam destrancou-a e eu estava livre.

Afastei-me da carrinha aos tropeções, a tremer e a suar no ar da noite, com o bastão feérico numa das mãos como uma moca ou uma espada que me podia proteger de... ser estúpida. Estúpida. Estúpida. Para o diabo com Tim e tudo o que ele me tinha feito para me deixar a tremer estupidamente enquanto estava em segurança na porra da rampa de entrada para a minha casa.

Queria voltar a ser eu mesma em vez desta estranha que tinha medo de ser tocada — e que tinha vozinhas na cabeça que a faziam atirar bolas de bowling a crianças.

— Mercy — disse Adam. Saíra da carrinha e contornara-a pela traseira. A sua voz era dócil e o som dela... Subitamente, consegui sentir a sua dor e desorientação. Algo tinha acontecido, e ele não sabia o que era. Ape-

nas sabia que, de uma forma que não conseguia explicar, tinha feito asneira. Não fazia a menor ideia de como tinha corrido tão mal.

Não queria saber o que ele estava a sentir porque só me tornava mais estúpida — e vulnerável.

— Tenho de ir para dentro — disse ao bastão na minha mão porque nesse momento não me sentia capaz de olhar para o rosto de Adam. Se tivesse olhado para ele, acho que teria desatado a correr e ele teria ido atrás de mim. Num outro dia, talvez isso pudesse ter sido divertido. Esta noite, seria desastroso. Portanto caminhei lentamente.

Não me seguiu enquanto me dirigia para a porta da minha casa, no entanto disse:

— Vou enviar alguém para ficar de sentinela.

Porque eu era a companheira do Alfa. Porque ele se preocupava comigo. Por causa de Tim. Por causa da culpa.

— Não — disse ele, dando um passo na minha direção, indicando-me que naquele momento o vínculo era mais forte do seu lado. — Porque te amo.

Fechei suavemente a porta entre nós e nela encostei a testa.

O estômago doía-me; a minha garganta estava apertada. Queria gritar ou esmurrar alguém, mas em vez disso agarrei o bastão até os dedos me doerem e ouvi Adam entrar na carrinha e sair da rampa de entrada.

Olhei para baixo, na direção do bastão. Em tempos — se calhar ainda hoje —, fazia com que todas as ovelhas de quem o tivesse na sua posse gerassem gémeos. No entanto, tinha sido feito há muito tempo, e por vezes a magia antiga crescia e desenvolvia-se de formas estranhas. Tornara-se mais do que um simples bastão com aplicações agrícolas. O que isso significava ao certo, ninguém sabia — a não ser que me seguia.

Talvez fosse coincidência o facto de a primeira ocasião em que eu me sentira eu mesma desde que entrara no recinto de bowling ter sido quando o agarrara na carrinha de Adam. Ou talvez não.

Tive imensas discussões com Adam ao longo dos anos. Provavelmente inevitáveis, tendo em conta o que somos — o macho Alfa, tanto em sentido literal como figurativo, e... eu, que fui criada no seio de imensos machos dominantes e optara por não deixar que me controlassem (independentemente de quão benigno esse controlo pudesse ter sido). No entanto, nunca me tinha sentido assim depois de uma discussão. Normalmente sinto-me revigorada e alegre, não indisposta e com um medo de morte.

Claro que por norma a discussão é ideia minha e não de alguém que usa os vínculos do bando para me baralhar a cabeça.

Podia estar errada, pensei. Talvez tivesse sido uma qualquer nova es-

pécie de reação fantástica à minha rixa com o não-particularmente-saudoso Tim — como se os ataques de pânico e os *flashbacks* não bastassem.

Porém, agora que tinha terminado, as vozes pareciam-me pertencer ao bando. Nunca tinha ouvido falar na possibilidade de um bando influenciar alguém através dos vínculos, mas havia muitas coisas que eu não sabia a respeito da magia dos bandos.

Precisava de me livrar da minha pele, de me libertar por algum tempo do bando e do vínculo de parceira que permitia a muitas pessoas terem acesso à minha cabeça. Eu podia fazer isso; talvez não me conseguisse ver livre de tudo, mas podia livrar-me da minha pele humana e correr sozinha, desanuviando a cabeça só por um bocadinho.

Precisava de descortinar o que se passava exatamente esta noite. A distância nem sempre me proporcionava solidão, mas normalmente ajudava a enfraquecer o vínculo entre mim e Adam — e também entre mim e o bando. Precisava de me ir embora antes que chegasse a pessoa que ele iria enviar para fazer de sentinela, porque ela certamente não me deixaria sair sozinha.

Sem me dar ao trabalho de me dirigir ao meu quarto, despi-me. Pôr de lado o bastão requereu mais esforço, o que indicava que já me convenceria de que ele tinha servido para bloquear quem quer que me estivesse a influenciar.

Esperei, pronta para voltar a pegar no bastão, mas já não havia vozes na minha cabeça. Ou tinham perdido interesse porque Adam se fora embora e tinham sido bem-sucedidos no seu propósito, ou a distância era um fator com a importância que eu julgava ter. Em todo o caso, iria deixar o bastão para trás, dado que uma coiole a transportar tal objeto atrairia demasiado as atenções.

Portanto deslizei para a minha forma de coiole com um suspiro de alívio. Senti-me instantaneamente mais segura, mais centrada, sobre as minhas quatro patas. Estúpida, porque nunca me tinha dado conta de que mudar de forma influenciava o mínimo que fosse o vínculo com o meu parceiro ou com o bando. No entanto, por esta altura estava disposta a agarrar-me a tudo o que me fizesse sentir melhor.

Atravessei a porta para cães que Samuel instalara na porta das traseiras e penetrei a noite.

No exterior, o cheiro era diferente, melhor, mais distinto. Na minha pele de coiole, absorvia mais informações do que na forma humana. Conseguia sentir o odor da marmota na cova ali perto e dos morcegos que faziam ninho nas traves do telhado da minha garagem. O mês ia a meio e a Lua era uma fatia grande de cor laranja — mesmo para os meus olhos de coiole, deficientes na distinção das cores. A poeira das últimas colheitas pairava no ar.

E um lobisomem na forma lupina estava a aproximar-se.

Tratava-se de Ben, pensei, o que era bom. Darryl teria detetado a minha coiote, porém Ben fora criado em Londres e vivera lá até há um ano e meio. Seria mais fácil de enganar.

Mantive-me imóvel, resistindo à tentação de pousar o corpo no chão ou de me esconder. O movimento atrai a atenção e a minha pelagem tem uma coloração pensada para me fazer passar despercebida no deserto.

Ben nem sequer relanceou os olhos na minha direção, e assim que contornou a esquina — obviamente dirigindo-se ao meu alpendre frontal —, zarpei através das artemísias e da erva seca, rumo à noite do deserto.

Estava a caminho do rio, de uma margem rochosa onde pudesse estar sozinha, quando um coelho apareceu repentinamente, surgido do silvado à minha frente. E só então me dei conta de quão faminta estava.

Comera bastante ao jantar — não havia razão alguma para ter fome. E não estava apenas com alguma fome. Estava esfomeada. Algo de errado se passava.

Pus esse pensamento de lado quando dei início à perseguição. Não consegui apanhar esse coelho, mas apanhei o seguinte, e comi vorazmente até que dele nada sobrasse. Não foi de modo nenhum suficiente. Cacei durante mais meia hora, até encontrar uma codorniz.

Não gosto de matar codornizes. A forma como o penacho no topo balança no sentido oposto da cabeça quando andam faz-me sorrir. E são tontas, não têm a menor hipótese contra um coiote, pelo menos não contra mim. Suponho que não possam ser assim tão vulneráveis, uma vez que eu não sou a única coiote que anda por aqui e há imensas codornizes. Mas sempre me senti culpada ao caçá-las.

Depois de ter comido a minha segunda presa, planeei o que iria fazer à pessoa que me fizera sentir esfomeada ao ponto de comer uma codorniz.

Um bando de lobisomens pode alimentar-se de qualquer um dos seus membros, apropriando-se assim da energia do outro. Não tinha a certeza absoluta de como funcionava, embora já tivesse assistido a isso vezes mais que suficientes. Faz parte do processo que torna um lobo Alfa mais poderoso do que era antes de ter ocupado essa posição.

Nunca me sentira afetada por nada disso até me ter tornado membro do bando de Adam, portanto nunca me preocupara com o assunto. Nunca ninguém me tinha entrado na cabeça e implantado na minha mente que atirar uma bola de bowling a uma criança era uma boa ideia. Ou me tinha forçado a descarregar as minhas frustrações em Adam.

Terminada a refeição, e depois de saciada a fome, alcancei o meu destino final sem mais incidentes.

Não sei se esta parte do rio era propriedade de alguém; a vedação mais

próxima ficava a noventa metros de distância, e a casa mais próxima um pouco mais distante do que isso. Havia umas quantas latas de cerveja velhas espalhadas pelo chão, e se o tempo estivesse um pouco mais quente, possivelmente teria deparado com pessoas.

Subi ao rochedo e tentei sentir o bando de Adam. Estava sozinha. Apenas eu, o rio e, ao fundo, em Horse Heaven Hills, as luzinhas do parque eólico. Não sei se era por causa da distância, ou se havia algo especial nesta pequena porção de terreno, mas a verdade é que nunca sentira o vínculo com o meu parceiro ou com o bando neste local.

Graças a Deus.

Apenas quando tive a certeza de que Adam não me conseguia ouvir é que me permiti refletir sobre quão assustador era ter outra pessoa na minha cabeça, incluindo Adam, que amava. Algo que jamais, se disso fosse capaz, permitiria que Adam soubesse.

Curiosamente, pelo facto de Adam já ser lobo antes de eu ter nascido, tinha mais facilidade em aceitá-lo como lobisomem do que ele próprio. Saber que eu me sentia apavorada em relação ao maior dom que qualquer lobo poderia dar a outro não o surpreenderia (como me surpreendera a mim), mas magoá-lo-ia desnecessariamente. Haveria de me adaptar com o tempo — não tinha alternativa se quisesse ficar com ele.

Se tivesse de lidar apenas com o vínculo amoroso entre mim e Adam, seria mais fácil. Porém, ele fizera de mim um membro do bando, e quando o vínculo funcionava como devia, conseguia senti-los a todos ali, comigo. E, aparentemente, com esse vínculo, conseguiam sugar-me energia e obrigá-me a discutir com o Alfa deles.

Sozinha na minha cabeça, era fácil olhar para trás e perceber como tinha acontecido — um toque com o cotovelo aqui, um empurrão ali. Estaria disposta a muita coisa para impedir que Adam se sentisse magoado, mas nunca colocaria em risco um inocente — e nunca na minha vida apliquei em ninguém o tratamento silencioso. Qualquer pessoa que me ofenda merece ouvir exatamente em que medida passou das marcas — ou precisa de ser conduzida a uma falsa sensação de segurança para depois ser atacada sub-repticiamente, quando não está a prestar atenção. Porém, o silêncio tinha sido a arma de eleição da ex-mulher de Adam.

Quem quer que estivesse a mexer comigo tinha como propósito separar-nos.

Portanto, quem tinha sido? Todo o bando? Parte do bando? Fora deliberado — ou dar-se-ia mais o caso de todo o bando me detestar e tentar forçar o meu afastamento? O mais importante de tudo, pelo menos para mim, era: como podia eu impedir que voltasse a acontecer?

Tinha de haver uma maneira — não havia dúvida de que se um lobi-

somem tivesse a capacidade de influenciar um membro do bando com a mesma facilidade com que me influenciara a mim, os Alfas teriam um controlo muito mais apertado sobre os seus bandos do que aquele que de facto tinham. Um bando funcionaria mais como um culto e não tanto como um monte de bestas selvagens movidas pela testosterona momentaneamente subjugadas pela ameaça de morte imediata às presas do seu líder. Ou isso ou ter-se-iam exterminado uns aos outros.

Precisava que Samuel estivesse em casa para lhe poder perguntar como funcionavam as coisas. Não tinha a menor dúvida de que Adam sabia, mas queria ter esta conversa com ele sabendo como abordá-lo.

Se Adam desconfiasse que um dos membros do seu bando estava a tentar truques que me influenciassem a mente... Não sabia ao certo quais as regras para algo desse género. Essa era uma das coisas que queria saber junto de Samuel. Se alguém fosse morrer, queria certificar-me de que aprovava, ou pelo menos tinha conhecimento disso antes de premir o gatilho. Se alguém *ia* morrer, talvez devesse guardar isto para mim e ser eu a engendrar uma punição apropriada.

Teria de esperar até que Samuel regressasse do emprego. Até lá, talvez me limitasse a segurar bem o bastão e esperar que as coisas corressem pelo melhor.

Permaneci na pequena margem rochosa a observar o rio sob o luar durante o tempo que me apeteceu. No entanto, se não regressasse antes que Ben se desse conta da minha ausência, ele convocaria as tropas. E eu simplesmente não estava na disposição de levar com um bando de lobisomens.

Levantei-me, estiquei o corpo e dei início à longa corrida de regresso a casa.

Quando cheguei à porta das traseiras da minha casa, Ben estava em frente a ela, cirandando num passo inquieto. Quando me viu, estacou — começara a aperceber-se de que algo estava errado, mas até me ter visto, não tinha a certeza de eu não estar em casa. Dobrou o lábio superior, mas não chegou a rosnar, aprisionado que estava entre a raiva e a preocupação, os instintos protetores de um macho dominante e a consciência de que lhe era hierarquicamente superior.

A linguagem corporal, quando sabemos lê-la, pode ser mais expressiva do que o discurso.

A frustração dele era problema seu, portanto ignorei-o e entrei pela porta para cães — demasiado pequena para um lobo — e fui diretamente para o meu quarto.

Regressei à minha forma humana, peguei em roupa interior e numa

t-shirt lavada e dirigi-me para a cama. Não era exageradamente tarde — o nosso encontro tinha sido muito curto e a minha corrida não demorara muito mais tempo. Ainda assim, a manhã começava cedo e eu tinha de trabalhar num carro. *E* tinha de estar na máxima forma para descortinar a melhor maneira de abordar Samuel sem que ele contasse a Adam as perguntas que lhe colocasse.

Talvez devesse antes telefonar ao pai dele. *Sim*, decidi. Iria telefonar a Bran.

Acordei com o telefone encostado à orelha — e por momentos pensei que completara a tarefa a que me propusera antes de adormecer, dado que a voz que ouvia do outro lado falava galês. Isso não fazia sentido absolutamente nenhum. Bran não usaria o raio do galês para falar *comigo*, sobretudo ao telefone, onde as línguas estrangeiras são mais difíceis de compreender.

De forma um tanto nebulosa, parecia lembrar-me vagamente de ouvir o telefone tocar. Devia ter pegado nele enquanto despertava — mas isso não explicava a língua.

Olhei para o relógio e pisquei os olhos — tinha adormecido há menos de duas horas — e nessa altura percebi a quem pertencia a voz que me falava do outro lado.

— Samuel? — perguntei. — Porque é que estás a falar galês? Não consigo perceber o que estás a dizer a menos que fales mais devagar. E uses palavras pequenas. — Era uma espécie de graça. No galês parece não haver palavras pequenas.

— Mercy — respondeu arrastadamente.

Não sei por que razão, o meu coração começou a bater com intensidade, como se estivesse prestes a ouvir alguma notícia muito má. Sentei-me.

— Anda buscar-me...

Pronunciou as palavras de forma atrapalhada, como se o seu inglês fosse muito mau, o que não era verdade nem nunca fora. Não desde que o conhecera — o que correspondia à quase totalidade dos trinta e tal anos da minha existência.

— Vou já para aí — disse-lhe, enfiando-me nas calças de ganga apenas com uma mão. — Onde estás?

— Na sala de armazenamento de raios X. — Mal conseguiu articular a frase.

Sabia onde ficava a sala de armazenamento, na extremidade das Urgências do Kennewick General, onde ele trabalhava.

— Eu vou já ter contigo.

Desligou sem dizer uma única palavra.

Algo muito errado tinha acontecido. O que quer que fosse, não podia ser catastrófico na medida em que ele se ia encontrar comigo na sala de armazenamento, longe de toda a gente. Se eles soubessem que ele era um lobisomem, não seria necessário encontrarmo-nos na sala de armazenamento.

Contrariamente a Adam, Samuel não dera a conhecer a sua condição. Ninguém deixaria um lobisomem exercer medicina — o que provavelmente seria inteligente, verdade seja dita. Os cheiros do sangue, do medo e da morte eram intoleráveis para a maior parte deles. Porém, Samuel era médico há imenso tempo, e era dos bons.

Ben estava sentado no meu alpendre quando saí porta fora a correr. Tropecei nele e rolei sobre os quatro degraus altos e impiedosos, parando na gravilha.

Ele sabia que eu ia sair; não fizera qualquer esforço para ser silenciosa. Podia ter-se desviado, mas não o fez. Talvez se tivesse atravessado no meu caminho de propósito. Nem pestanejou quando olhei para cima na direção dele.

Reconheci aquele olhar, apesar de nunca antes o ter visto nele. Eu era uma coiole que se tornara companheira do seu Alfa, e eles tinham a convicção plena de que eu não era suficientemente boa.

— Soubeste da discussão de hoje à noite — disse-lhe.

Puxou as orelhas para trás e pousou o focinho nas patas dianteiras.

— Nesse caso deviam ter-te contado que estavam a usar os vínculos do bando para me atrofiar a cabeça. — Não tencionava dizer nada em relação a isso sem antes ter a oportunidade de falar com Samuel, mas o facto de ter rolado escada abaixo fizera-me perder o autocontrolo.

Imobilizou-se, e aquilo que o seu corpo denunciava não era descrença, mas sim terror.

Então era possível. *Merda. Merda. Merda.* Tinha esperança de que não fosse, tinha esperança de que fosse paranoia minha. Não precisava disto.

Por vezes, a sensação que tinha era que ambos os vínculos, com o meu parceiro e com o bando, estavam a fazer tudo para me roubar a alma. A analogia pode ser figurativa, mas achei-a quase tão assustadora quanto teria sido a versão literal. Descobrir que alguém podia usar aquilo para me obrigar a fazer coisas foi a maldita cereja em cima do bolo.

Felizmente, tinha em mãos uma tarefa que me permitia desligar-me da alhada em que estava metida. Levantei-me e sacudi a poeira do corpo.

Tinha planeado esperar e falar diretamente com Adam, mas este cenário apresentava algumas vantagens. Seria bom Adam saber que alguns dos elementos do seu bando andavam... empenhados em demonstrar a sua antipatia para comigo. E se Ben lhe contasse, ele não tinha como me

ler a mente para descobrir que eu não estava alterada apenas por causa do controlo da mente, mas também pela questão do vínculo, tanto do bando como do parceiro.

Disse a Ben:

— Conta o que eu te disse ao Adam.

Ele iria fazê-lo. Ben podia ser sinistro e terrível, mas era quase meu amigo — os pesadelos partilhados têm esse efeito.

— Diz-lhe que eu peço desculpa e diz-lhe também que não vou fazer ondas — Adam iria perceber que isso significava que me manteria afastada do bando — até compreender as coisas. Neste momento vou buscar o Samuel, por isso estás dispensado do teu serviço.

Conduzi o meu fiel *Rabbit* até ao Kennewick General Hospital e estacionei no parque de estacionamento das Urgências. Ainda faltavam horas para o dia despontar quando entrei no edifício.

O truque para andarmos por onde quisermos num hospital sem sermos abordados por ninguém é caminhar energeticamente, dirigir um aceno às pessoas que conhecemos e ignorar as que não conhecemos. O aceno passa a toda a gente a mensagem de que se é conhecido, a passada enérgica transmite a ideia de que se tem uma missão e não se está na disposição de falar. O facto de a maioria das pessoas na triagem me conhecer ajudou.

Através das portas duplas que conduziam à área reservada, conseguia ouvir um bebé a chorar — um som triste, cansado, deprimente. Enruguei o nariz por causa do omnipresente cheiro violento a desinfetante de hospital, e estremei perante o crescendo de intensidade tanto dos decibéis como do cheiro à medida que atravessava as portas.

Uma enfermeira que escrevinhava num bloco de notas com mola ergueu o olhar quando entrei, e a expressão profissional plasmada no seu rosto transfigurou-se num sorriso de alívio. Conhecia-a de vista mas não lhe sabia o nome.

— Mercy — disse, claramente conhecedora do meu. — Então o Dr. Cornick finalmente ligou-lhe para que o levasse a casa, não é verdade? Já não era sem tempo. Eu disse-lhe que já devia ter ido para casa há horas, mas ele é bastante teimoso, e um médico é hierarquicamente superior a uma enfermeira. — Disse-o de um modo que parecia indicar que não achava que aquela devesse ser a ordem das coisas.

Tive receio de falar porque podia desmoronar o castelo de cartas que

Samuel construíra para explicar o motivo pelo qual tinha de ir para casa mais cedo. No entanto, acabei por encontrar uma frase neutra:

— Ele é melhor a ajudar as pessoas do que a pedir ajuda.

Exibiu um sorriso rasgado.

— É mesmo típico dos homens. Provavelmente foi-lhe penoso admitir que destruiu o carro dele. Sou capaz de jurar que amava aquele carro como se fosse uma mulher.

Acho que me limitei a cravar os olhos nela — as suas palavras não faziam o menor sentido para mim.

Destruí o carro? Queria ela dizer que ele tinha tido um acidente? Samuel tinha tido um acidente? Não conseguia visualizar isso na minha cabeça. Alguns lobisomens tinham dificuldade em conduzir porque tendiam a distrair-se facilmente. Mas não Samuel.

Precisava de ir ter com Samuel antes que dissesse alguma coisa estúpida.

— Talvez seja melhor eu...

— Foi uma sorte não se ter magoado mais — disse, e voltou a concentrar a atenção no que estava a escrever. Aparentemente, era capaz de continuar a conversa ao mesmo tempo, uma vez que continuou a falar. — Ele contou-lhe quão perto esteve de morrer? O agente da polícia que o trouxe disse que ele quase caiu à água, e estamos a falar da ponte Vernita, sabe, aquela na autoestrada 24, no Braço de Hanford? Ele teria morrido se tivesse caído... A distância até ao rio é enorme.

Que diabo andava Samuel a fazer tão longe, na ponte da velha autoestrada a norte de Hanford? Ficava no outro lado de Tri-Cidades, e de modo algum perto de qualquer trajeto possível entre a nossa casa e o hospital. Talvez tivesse andado no Braço, onde o número de pessoas era escasso e abundavam os esquilos terrestres. O facto de não me ter contado que ia caçar não queria dizer que o não viesse a fazer. Eu não era a guarda dele.

— Ele não disse nada sobre ter estado em perigo — repliquei honestamente, e em seguida disse uma pequena mentira com o propósito de conduzi-la a relatar-me mais pormenores. — Pensava que tinha sido apenas o carro.

— Típico do Dr. Cornick — resmungou. — Não nos deixou fazer mais nada para além de lhe removermos os vidros da pele. Mas a avaliar pelo modo como se está a mexer, dá para perceber que tem um problema nas costelas. E também está a coxear.

— Pelo que me diz, a situação é bastante pior do que a que ele me descreveu — comentei, sentindo-me indisposta.

— Ele trespassou o para-brisas e estava agarrado ao capô do carro. O Jack, agente da polícia, disse que pensava que o Samuel ia cair do capô antes

que conseguisse lá chegar. O despiste deve ter deixado o doutor atordoado porque estava a rastejar na direção errada. Se o Jack não o tivesse impedido, ele teria caído.

E nesse momento percebi exatamente o que tinha acontecido.

— Minha querida? Minha querida? Está tudo bem consigo? Sente-se aqui.

Tinha puxado uma cadeira quando eu não estava a olhar e segurou-a atrás de mim. Os meus ouvidos zumbiam, tinha a cabeça para baixo, enfiada entre os joelhos, e a mão dela estava sobre as minhas costas.

E por um momento tinha novamente catorze anos, e ouvia Bran contar-me o que eu já sabia: Bryan, o meu pai de acolhimento, estava morto — o seu corpo tinha sido encontrado no rio. Cometera suicídio depois de a companheira dele, a minha mãe de acolhimento, ter morrido.

Os lobisomens são demasiado fortes para morrerem facilmente, portanto não há muitas formas de suicídio eficazes para os lobisomens. Desde que a Revolução Francesa tornou a guilhotina impopular no século XVIII, a autodecapitação não se tornou propriamente fácil.

As balas de prata também apresentam algumas dificuldades. A prata é mais dura do que o chumbo, e por vezes as balas atravessam o corpo e deixam o lobisomem doente, com dores, e vivo. O disparo de um dardo com prata é um pouco mais eficaz, mas, a menos que a coisa seja feita corretamente, pode demorar muito tempo até que o lobisomem morra. Se um intrometido qualquer aparecer e retirar o dardo, bom, nesse caso de nada valeu toda a dor.

A opção mais popular é a morte provocada por outro lobisomem. Porém, isso não seria uma opção para Samuel. Muito poucos lobos aceitariam o seu desafio — e aqueles que aceitassem... Digamos apenas que eu não gostaria de ver uma luta entre Samuel e Adam. Os suicidas não procuram um confronto em condições equivalentes.

O afogamento é a opção mais popular logo a seguir. Os lobisomens não sabem nadar; os seus corpos são demasiado maciços — e até um lobisomem precisa de respirar.

Inclusive sabia o motivo pelo qual escolhera aquele local. O Columbia é o maior rio da zona, com mais de quilómetro e meio de largura, porém, as três maiores pontes que o atravessam — a Blue Bridge, a ponte suspensa e a ponte interestadual — têm todas duas balastradas. Além disso, o volume de tráfego que nelas se verifica é considerável, mesmo a meio da noite. A probabilidade de alguém ver uma tentativa de salto e tentar o salvamento é elevada. São precisos alguns minutos até se consumir um afogamento.

A ponte que ele escolhera não era tão movimentada e tinha sido construída antes de as pontes serem projetadas de modo a que até os atrasados

mentais tivessem dificuldade em galgar a proteção e cair ao rio. O rio é mais estreito naquele local — ou seja, mais profundo e rápido — e a altura é... impressionante.

Consegui visualizar a cena, Samuel no capô do carro e o agente da polícia a correr na direção dele. Tinha sido uma sorte dos diabos o único veículo na estrada para além do dele ser um carro da polícia. Se se tivesse tratado de um cidadão comum, poder-se-ia ter dado o caso de reear pela própria segurança e não tentar um salvamento, deixando que Samuel se afogasse. Porém, um agente da polícia iria ao seu encontro e tentaria salvá-lo. Colocaria a própria vida em risco por Samuel.

Não, Samuel não teria caído no momento em que o agente da polícia o encontrou.

Por muito que desejasse.

O meu atordoamento estava a dissipar-se.

«Sê feliz», tinha-me dito quando saíra para o meu malfadado encontro. Um desejo para a minha vida e não para o encontro.

O imbecil. Senti uma rosnadela assomar-me à garganta e tive de fazer um esforço para a conter.

— Ele está bem — assegurou-me a enfermeira. Retirei a cabeça de entre os joelhos e, ao levantá-la, reparei que tinha um crachá onde se lia JODY. — Retirámos os vidros e, embora se esteja a mexer de forma rígida, não partiu nada importante, caso contrário não teria aguentado tanto tempo. Ele devia ter ido para casa, mas não quis. E você sabe como ele é.

Sim, sabia.

— Peço desculpa — disse-lhe, levantando-me devagar de modo a passar a ideia de que já estava bem. — Apanhou-me desprevenida. Já nos conhecemos há muito tempo e ele não me disse que as coisas estavam tão mal, nem pouco mais ou menos.

— Provavelmente não queria assustá-la.

— Sim, ele é atencioso a esse ponto. — O tanas é que era atencioso. Eu própria iria matá-lo, e depois já não teria de se preocupar com o suicídio.

— Ele disse que ia procurar um sítio calmo e descansar um bocadinho — disse a enfermeira Jody, olhando em volta como se ele fosse surgir do nada.

— Ele disse-me que podia encontrá-lo na sala de armazenamento de raios X.

Soltou uma risada.

— Bom, presumo que lá esteja tudo calmo. Sabe onde fica?

Sorri, o que é difícil quando se está preparado para esfolar alguém.

— Claro. — Ainda a sorrir, comecei a caminhar energicamente, passando por divisórias com as cortinas abertas que cheiravam a sangue e dor,

acenando a um técnico de saúde que me parecia vagamente familiar. Pelo menos os gritos de bebé tinham passado a um choro ligeiro.

Samuel tentara cometer suicídio.

Bati à porta da sala de armazenamento de raios X, abrindo-a em seguida. Caixas de arquivo brancas, feitas de cartão, estavam empilhadas em prateleiras de forma organizada, transmitindo a sensação de que quem aqui viesse saberia exatamente onde encontrar o que queria.

Samuel estava sentado no chão, encostado a uma pilha de caixas. Vestia uma bata branca por cima da farda verde. Os braços repousavam nos joelhos, as mãos pendiam frouxas. Estava de cabeça inclinada e não olhou para cima quando entrei. Esperou que eu fechasse a porta atrás de mim antes de falar e continuou sem olhar para mim.

Julguei que agia assim por se sentir envergonhado ou por saber que eu estava zangada.

— Ele tentou matar-nos — disse Samuel, e o meu coração parou, após o que começou a bater violenta e dolorosamente no meu peito porque afinal estava enganada. Muito enganada. O «ele» a que se referia era Samuel. E isso significava que «ele» já não estava a assumir o controlo. Estava a falar com o lobo de Samuel.

Caí no chão como uma pedra e certifiquei-me de que a minha cabeça estava abaixo da do lobisomem. O Samuel homem normalmente dava pouca importância a incumprimentos da etiqueta, mas este lobo não. Se obrigasse o lobo a olhar para cima na minha direção, teria de reconhecer a minha superioridade ou desafiar-me.

Eu transformo-me numa predadora de quinze quilos capaz de matar galinhas e coelhos. E uma pobre de uma codorniz. Os lobisomens são capazes de fazer frente aos ursos-gigantes-do-alasca. Eu não estou de todo à altura de um desafio com um lobisomem.

— Mercy — sussurrou, levantando a cabeça.

A primeira coisa em que reparei foram as centenas de pequenos cortes espalhados por toda a cara, e lembrei-me de Jody, a enfermeira, ter dito que se tinham visto obrigados a remover todos os vidros da sua pele. O facto de as feridas ainda não terem sarado indicava-me que um outro dano mais grave havia sido infligido no seu corpo, um dano que precisava de ser curado primeiro. Fantástico — mais uma dosezinha de dor e sofrimento para lhe adoçar o temperamento.

Os seus olhos eram de um azul glacial, quase branco, intensos e selvagens.

Assim que os vi, desviei o olhar para o chão e respirei fundo.

— Sam — murmurei. — O que é que eu posso fazer para ajudar? Queres que eu telefone ao Bran?

— *Não!* — A palavra saiu-lhe na forma de um rugido que o lançou para a frente até se aninhar sobre ambas as mãos, levantando um dos joelhos para a frente e mantendo o outro pousado.

Aquele joelho no chão significava que ele não estava preparado para se lançar a mim.

— O nosso pai vai matar-nos — disse Sam de forma lenta e com forte entoação galesa. — Eu... Nós não queremos obrigá-lo a fazer isso. — Respirou fundo. — E eu não quero morrer.

— Claro, claro — pronunciei arrastada e roucamente, percebendo de imediato o que as primeiras palavras que me dirigira significavam exatamente. Samuel desejara morrer, mas o seu lobo impedira-o. O que era bom, mas deixava-nos com um problema complicado em mãos.

Existe uma razão muito boa para o Marrok matar quaisquer lobisomens que permitam que o lobo assuma as rédeas e o homem obedeça. Muito boas razões — tais como impedir chacinas em massa.

Mas se o lobo de Samuel não queria que eles morressem, concluí que era melhor o controlo estar a ser assumido por ele. Durante algum tempo. Considerando que não parecia querer matar-me ainda. Samuel era velho. Não sei ao certo quão velho, mas pelo menos mais antigo do que o *Mayflower*¹. Talvez isso viesse a permitir que o seu lobo se controlasse sem a ajuda de Samuel. Talvez.

— Ok, Sam. Ninguém vai telefonar ao Bran.

Do canto do olho, reparei no modo como inclinou a cabeça, examinando-me cuidadosamente.

— Posso fingir ser humano até chegarmos ao teu carro. Entendi que seria melhor assim, por isso mantive esta forma.

Engoli em seco.

— O que é que fizeste ao Samuel? Ele está bem?

Os seus glaciais olhos azuis perscrutavam-me ponderadamente.

— O Samuel? Tenho a certeza de que ele se tinha esquecido de que eu conseguia fazer isto: há já muito tempo que não nos debatemos pelo controlo. Foi ele que escolheu que eu assumisse o controlo, deixei isso a cargo dele. — Calou-se por instantes e depois, quase timidamente, disse: — Tu sabes quando eu estou aqui. Tratas-me por Sam.

Ele tinha razão. Não me tinha apercebido disso até ele o dizer.

— Sam, o que é que fizeste ao Samuel? — perguntei novamente, procurando não soar intrusiva.

— Ele está aqui, mas não o posso deixar aparecer. Se o fizer, nunca

¹ Famoso navio inglês que, em 1620, transportou os chamados «Peregrinos», do porto de Southampton, Inglaterra, para o Novo Mundo. (*N. do T.*)

mais me vai voltar a deixar assumir o controlo, e se isso acontecer, morreremos.

«Não o posso» soava a «nunca o poderei». «Nunca» era mau. «Nunca» faria com que ele viesse a morrer de forma tão certa quanto o suicídio — e talvez... provavelmente, muitas outras pessoas juntamente com ele.

— Excluindo o Bran, que tal a companheira do Charles, a Anna? Ela é Ómega; não achas que ela te poderá ajudar?

Os lobos Ómega, ao que sabia, são como Valium para os lobisomens. A cunhada de Samuel, Anna, foi a única que eu conheci — antes disso, nunca tinha ouvido falar neles. Gosto dela, mas não parece afetar-me do mesmo modo que afeta os lobos. Não sinto vontade de rebolar aos seus pés e deixar que ela me esfregue a barriga.

O lobo de Samuel parecia ansioso... ou se calhar estava apenas com fome.

— Não. Se o problema fosse *eu*, talvez ela pudesse ajudar. Mas isto não se trata de um impulso, não se trata de desespero. O Samuel simplesmente sente que já não pertence aqui, que não ganha nada com a sua existência. Nem mesmo a Ómega pode fazê-lo mudar de ideias.

— Então o que é que sugeres? — perguntei impotentemente.

Anna, pensei, talvez fosse capaz de fazer com que Samuel readquirisse o controlo, mas, tal como o lobo, receava que isso pudesse não ser uma boa ideia.

Soltou uma risada, uma risada triste.

— Não sei. Mas se não quiseres tentar retirar um lobo das Urgências, talvez fosse boa ideia irmos embora quanto antes.

Sam baloiçou-se para a frente de modo a levantar-se e parou a meio caminho soltando um grunhido.

— Estás ferido — disse enquanto me levantava para lhe dar uma ajuda.

Hesitou mas acabou por aceitá-la, levantando-se com menor dificuldade. Mostrar-me a sua fraqueza era um sinal de confiança. Em circunstâncias normais, essa confiança significaria que estava mais segura com ele.

— Estou perro — respondeu Sam. — Nada que não sare sozinho. Eu recorri à tua força para me curar parcialmente, de modo a que ninguém percebesse quão graves eram os ferimentos.

— Como é que fizeste isso? — perguntei, lembrando-me subitamente da fome violenta que resultara numa refeição de coelho e codorniz a seguir ao salmão que jantara com Adam. Pensara que tinha sido alguém do bando de Adam, pela muito boa razão de que roubar força era uma daquelas coisas que faziam parte do vínculo com um *bando*. — Nós não somos do mesmo bando — lembrei-o.

Voltou a olhar diretamente para mim e disse:

— Não somos?

— A menos que tu... A menos que o Samuel tenha andado a celebrar cerimónias de sangue enquanto eu estava a dormir, não somos. — Começava a sentir pânico. Claustrofobia. Adam e o bando dele já andavam a brincar com a minha cabeça; não estava particularmente interessada em ter mais alguém lá dentro.

— O bando existia antes das cerimónias — disse Sam num tom que parecia de divertimento. — A magia estabelece uma união mais óbvia, mais extensa, mas não mais profunda.

— Foste *tu* que me atrofiaste a cabeça quando fui sair com o Adam? — Não consegui evitar o tom acusatório.

— Não. — Levantou a cabeça e em seguida rosou: — Alguém te fez mal?

— Não — respondi. — Não é nada.

— Mentira — disse ele.

— Pois é — concordei. — Mas se não foste tu o responsável por aquilo, cabe-me a mim e ao Adam lidar com o incidente.

Permaneceu imóvel por instantes.

— Por agora — disse.

Segurei a porta para que ele passasse e em seguida caminhei a seu lado ao longo das Urgências.

Enquanto percorríamos o corredor de acesso à saída, Sam manteve-se de olhos cravados em mim, e no seu olhar firme havia um peso. Não protestei. Ele fê-lo para que ninguém notasse a mudança de cor na sua íris — mas também porque quando um lobisomem tão dominante quanto Samuel olha alguém olhos nos olhos estando o lobo tão à superfície, até os humanos se tornam submissos. Isso seria bastante estranho e difícil de explicar. Nesta altura, agíamos com a esperança de que fosse possível a Samuel regressar a este lugar e aqui exercer medicina novamente.

Ajudei-o a entrar no banco traseiro do *Rabbit* — e reparei que o livro embrulhado numa toalha ainda ali estava. Desejei que a extensão dos meus problemas se resumisse à sua devolução ao proprietário. Agarrei nele e coloquei-o ao fundo, longe do alcance da mão. Pulando para a frente, arranquei de debaixo das luzes do parque de estacionamento o mais depressa que consegui. Ainda estávamos nas primeiras horas da madrugada, mas Samuel era um homem grande, e seria difícil não o ver despir-se no banco traseiro do meu pequeno carro.

Não tardou muito a desfazer-se das roupas e dar início à sua transformação. Não olhei, mas consegui perceber quando começou, uma vez que o barulho de tecido a rasgar deu lugar a gemidos de dor. Aquilo por que os lobisomens passam quando se transformam é uma das muitas razões pelas

quais estou grata por ser o que sou, em vez de uma mulher-lobo. Para mim, a transformação de coioote para humana ou o inverso é virtualmente instantânea. Os efeitos secundários não são mais incômodos do que pequenas picadas. Para um lobisomem, a transformação é dolorosa e lenta. A avaliar pelos grunhidos que produzia, a sua transformação ainda não tinha terminado quando estacionei na rampa de entrada.

A nossa casa não era o lugar mais seguro para onde o levar. Qualquer lobisomem que o visse perceberia o que se tinha passado, e a casa de Adam — frequentemente visitada por membros do seu bando — ficava logo a seguir à minha vedação traseira. Porém, não me ocorria nenhum sítio melhor.

Teríamos de contar a Bran, eventualmente — eu sabia-o, e suspeitava que Samuel... que Sam também o sabia. Mas ia conceder-lhe o tempo que pudesse — partindo do pressuposto de que ele não fosse tomado pela fúria e começasse a comer pessoas.

Isso significava mantê-lo longe da vista de Adam e do seu bando.

Do *meu* bando. Do meu parceiro e do meu bando.

Não me sentia bem ao esconder coisas dele. No entanto, conhecia Adam, e se havia algo em que ele era bom, esse algo era o sentido de honra e dever. Essa era uma das razões pelas quais eu me apaixonei por ele — era um homem que, se necessário fosse, escolhia a opção mais difícil. O dever e a honra forçá-lo-iam a chamar Bran. O dever e a honra forçariam Bran a executar Samuel. Samuel morreria, e dois homens bons ficariam a sofrer.

Para sorte de todos eles, o meu sentido de dever e honra era mais flexível.

Saí do carro e voltei-me num círculo lento. Detetei o cheiro de Ben, dissipando-se. Estávamos sozinhos com as mais mundanas criaturas da noite: morcegos, ratos e mosquitos. A luz do quarto de Adam estava acesa, mas foi apagada enquanto o observava. Amanhã precisava de arranjar um sítio melhor para Sam.

Ou uma boa razão para evitar o bando.

Abri a porta traseira do *Rabbit*, mantendo-a entre mim e Sam para o caso de ele ter ficado com mau humor após a transformação. A dor da transformação não contribui para deixar um lobo feliz — e Sam já estava magoado quando a começou. No entanto, parecia estar bem. Quando pulou para fora do carro, esperou educadamente que eu o fechasse, após o que me seguiu até à porta.

Dormiu aos pés da minha cama. Quando sugeri que talvez se sentisse mais confortável no seu quarto, fixou-se em mim com olhos da cor do gelo.

Onde é que um lobisomem dorme? Onde lhe apetecer.

Pensei que me iria incomodar, pensei que me iria assustar. Seria de esperar que me tivesse incomodado. No entanto, não estava demasiado preo-

cupada com o facto de ter um lobo enorme enrolado aos meus pés. Afinal de contas, tratava-se de Sam.

O meu dia começou cedo apesar da minha noite longa.

Acordei ao som do estômago de Sam a roncar. Mantê-lo alimentado atingira um novo grau de prioridade, portanto pulei para fora da cama e preparei-lhe o pequeno-almoço.

E depois, porque cozinhar é algo que eu faço quando estou chateada ou nervosa — e porque às vezes me ajuda a pensar, especialmente se aquilo que estiver a preparar incluir açúcar —, satisfiz um desejo meu e conficionei uma série de biscoitos. Fiz uma dupla fornada de biscoitos de manteiga de amendoim, e enquanto estavam no forno, fiz também pepitas de chocolate.

Sam estava sentado debaixo da mesa, onde não me estorvava, e mantinha-se de olhos fitos em mim. Dei-lhe a comer duas colheradas da massa dos biscoitos, apesar de ele já ter comido vários quilos de bacon e uma dúzia de ovos. Ele *tinha* partilhado os ovos com a minha gata, Medea. Talvez fosse por isso que ainda tinha fome. Dei-lhe alguns dos biscoitos já cozinhados.

Estava a colocar biscoitos em saquinhos quando Adam me telefonou.

— Mercy — disse. Tinha a voz pouco firme por causa da fadiga, e o seu tom era monocórdico. — Vi que a luz estava acesa. O Ben transmitiu-me a mensagem. Posso ajudar-te com isso.

Normalmente acompanho as conversas com Adam sem problema algum, porém tinha dormido menos de três horas. *E* estava preocupada com Samuel, assunto em relação ao qual ele não podia saber nada. Esfreguei o nariz. O Ben. Ah. Adam estava a falar sobre como o bando tinha dado cabo do nosso encontro. Certo.

Tinha de manter Adam afastado. Apenas até engendrar um plano brilhante para manter Samuel vivo... E aqui diante de mim estava a desculpa perfeita.

— Obrigada — disse-lhe. — Mas acho que preciso de uns dias para mim... sem bando, sem... — Deixei que a minha voz se calasse. Não conseguia dizer-lhe que precisava de estar distante dele quando isso não era verdade. Mesmo ao telefone, ele podia detetar a mentira. Desejei que ele aqui estivesse. Tinha a capacidade de fazer com que as coisas parecessem ou pretas ou brancas. Como é evidente, isso significava que Samuel deveria ser morto para bem dos lobos. Por vezes o cinzento é a única cor que vejo.

— Precisas de alguma distância do bando... e de mim — disse Adam. — Eu compreendo. — Fez uma breve pausa. — Não te vou deixar sem proteção.

Olhei para baixo.

— O Samuel vai estar de folga durante uns dias. — Antes de mais, precisava de fazer um telefonema para lhe conseguir uma licença do trabalho, mas, em todo o caso, a verdade é que Sam não iria aparecer para trabalhar. E o desastre vinha mesmo a calhar. — Ele fica comigo.

— Está bem. — Fez-se um silêncio incómodo, após o qual Adam disse: — Desculpa, Mercy. Eu devia ter percebido que algo de errado se passava. — Engoliu em seco. — Quando a minha ex-mulher entendia que eu lhe tinha feito alguma coisa de que ela não gostava, ela aplicava-me o tratamento silencioso. Quando tu o fizeste... fiquei desconcertado.

— Acho que esse era precisamente o objetivo de alguém — disse eu secamente, e ele riu.

— Sim. Não parei para pensar quão improvável seria usares essa tática — concordou. — Ataques furtivos, manobras de guerrilha, mas não silêncio.

— A culpa não é tua — repliquei, antes de morder o lábio. Se não precisasse de o manter afastado de Sam, teria dito mais. Bastante mais, mas precisava de tempo para que Samuel recuperasse. — Só quando estávamos quase a chegar a casa é que me dei conta.

— Se nesse período me tivesse apercebido de que alguma coisa se estava a passar, podia ter descoberto quem era — rosnou Adam. Inspirou fundo e bufou. Quando voltou a falar, a sua voz estava mais calma. — O Samuel também saberá como impedi-los. Enquanto ele te estiver a escoltar, porque é que não lhe pedes para ele te ensinar a protegeres-te? Mesmo quando não é deliberado... — Teve de parar novamente. — As necessidades e os desejos do bando podem influenciar-te bastante. Não é muito difícil bloquear isso se souberes como fazê-lo. O Samuel pode mostrar-te.

Olhei para o lobo branco estendido no chão da cozinha, cujo focinho a Medea limpava. Sam também olhou para mim, com os seus olhos claros contornados por um anel preto.

— Eu peço-lhe — prometi.

— Vemo-nos em breve — disse, mas de imediato acrescentou: — Terça-feira é cedo de mais?

Era sábado. Se até terça-feira Samuel não tivesse melhorado, podia cancelar.

— Terça-feira seria ótimo.

Desligou. A seguir, perguntei a Sam:

— És capaz de me ensinar como impedir que o bando entre na minha cabeça?

Emitiu um ruído triste.

— Não sem conseguires falar — concordei. — Mas prometi ao Adam

que te pediria. — Tinha três dias para tratar de Samuel. E sentia-me uma traidora por... Eu não tinha propriamente *mentido* a Adam, pois não? Criada no seio de lobisomens, que são detetores de mentiras vivos, há muito tempo que aprendera a mentir com a verdade quase tão bem quanto as criaturas feéricas.

Talvez tivesse tempo para também fazer *brownies*.

O meu telemóvel tocou e quase o atendi maquinalmente, presumindo que fosse Adam. Um qualquer instinto de autodefesa fez-me hesitar e relançar os olhos ao número: o de Bran.

— O Marrok está a telefonar — informei Samuel. — Achas que ele espera três dias? Eu também não. — Mas podia adiar um bocado a situação ao não atender o telefone. — Vamos trabalhar nuns carros.

Sam sentou-se no lugar do passageiro e dirigiu-me um olhar carrancudo. Estava zangado comigo desde que lhe pusera a coleira — mas a coleira servia de camuflagem. Fazia-o parecer-se mais com um cão. Algo suficientemente doméstico para usar coleira, não um animal selvagem. O medo desperta a violência nos lobos, portanto quanto menos pessoas tiverem medo deles, melhor.

— Não vou abrir o vidro — disse-lhe. — Este carro não tem vidros automáticos. Teria de encostar o carro e dar a volta para o baixar manualmente. Para além disso, está frio lá fora, e, ao contrário de ti, eu não tenho um casaco de peles.

Levantou o lábio numa rosnadela de escárnio e pousou o focinho no tabliê com um baque.

— Estás a sujar o para-brisas — disse-lhe.

Olhou para mim e, de forma deliberada, percorreu o vidro com o focinho.

Revirei os olhos.

— Ora aí está um gesto muito maduro. A última vez que vi alguém fazer uma coisa tão adulta foi quando a minha irmã mais nova tinha doze anos.

Quando cheguei à oficina, estacionei ao lado da carrinha de Zee, e assim que saí do carro, ouvi o ritmo característico da música salsa. Tenho uma audição bastante apurada, portanto a música não estaria alta ao ponto de incomodar aqueles que se encontrassem no interior das casinhas espalhadas pela zona dos armazéns e unidades de armazenamento que rodeavam a oficina. Uma figura pequena à janela acenou-me.

Tinha-me esquecido.

Como é que eu me podia ter esquecido de que Sylvia e as suas filhas iam fazer a limpeza ao escritório? Em circunstâncias normais, isso não teria sido um problema — Samuel jamais faria mal a uma criança, mas já não estávamos a lidar com Samuel.

Apercebi-me de que me habituara a ele, que ainda pensava nele como se fosse Samuel com um problema. Permitira-me esquecer quão perigoso ele era. Bem vistas as coisas, ainda não *me* tinha matado.

Talvez se ele ficasse comigo na oficina...

Não podia correr esse risco.

— Sam — disse ao lobo, que me seguira para fora do carro, — estão demasiadas pessoas aqui. Vamos...

Não tenho a certeza do que ia sugerir, talvez uma corrida num lugar em que ninguém nos visse. Mas era tarde de mais.

— Mercy — disse uma voz aguda no momento em que a porta da oficina abriu com um bramido de bongós e guitarras. Então, a irmã mais nova de Gabriel, Maia, saltou o pequeno conjunto de degraus e correu na nossa direção. — Mercy, Mercy, sabes uma coisa? Sabes uma coisa? Já sou uma menina grande. Vou para o elefantário.

E foi então que vislumbrou Sam.

— Oh — disse, ainda a correr.

Samuel não é nada feio na sua forma humana — mas o seu lobo é de um branco puro e fofo. Só lhe faltava um corno de unicórnio para ser o animal de estimação perfeito de uma menina pequena.

— Elefantário? — perguntei, dando um passo em frente e para o lado, de modo a ficar entre o lobisomem e Maia. Em vez de esbarrar em mim, Maia parou, mas manteve-se de olhos fitos no lobo.

A segunda rapariga mais nova, Sissy, que tinha seis anos, emergira do escritório poucos segundos depois da sua irmã.

— A *Mamá* disse que tu não podes sair do escritório a correr, Maia. Podem passar carros que não te veem. Olá, Mercy. Ela quer dizer infantário. Este ano entrei para o primeiro ano, e ela ainda é uma bebé. Isso é um cão? Quando é que comprou um cão?

— Elefantário — repetiu Maia. — E eu não sou uma bebé. — Deu-me um abraço e lançou-se na direção de Sam.

Tê-la-ia agarrado se Sam também não tivesse saltado para a frente.

— Um pónei — disse ela, atirando-se a ele como se fosse tudo menos um lobo assustadoramente gigante. Agarrou um punhado de pelo e trepou para cima dele. — Pónei, pónei.

Estiquei-me para pegar nela, mas congelei quando Sam me olhou.

— O meu pónei — disse Maia alegremente, sem perceber o meu ter-

ror. Usando os calcanhares, golpeou-lhe as costelas com uma força tal que conseguiu ouvir o barulho. — Anda, pónei.

A irmã de Maia pareceu compreender o perigo tão bem como eu.

— *Mamá* — soltou num grito agudo. — *Mamá*, a Maia está a ser estúpida outra vez.

Bom, talvez não tão bem.

Franziu o sobrolho à irmã e — enquanto eu permanecia imóvel, receosa de que qualquer movimento que fizesse seria o responsável por fazer com que Sam se passasse — disse-me:

— Nós levámo-la à feira e ela viu os cavalos. Agora dá-lhe para trepar para todos os cães que vê. Quase foi mordida pelo último.

Sam, por seu turno, rosou na quarta ou quinta vez que os calcanhares de Maia lhe golpearam os flancos, dirigiu-me um novo olhar — que me pareceu ser de exaspero — e encaminhou-se para o escritório, agindo como se fosse um pónei em vez de um lobisomem.

— Mercy? — disse Sissy.

Suponho que estivesse à espera que eu dissesse alguma coisa — ou de que pelo menos me mexesse. O pânico deixou-me com os dedos gelados e um coração disparado — porém, à medida que se foi dissipando, uma ou outra coisa ocupou o seu lugar.

Já vi alguns lobisomens cujo lobo se sobrepôs ao homem. Normalmente, isso acontece no meio de uma luta — e a única coisa a fazer é esperar até que o homem readquira o controlo. A outra circunstância em que isso acontece com frequência é quando estão envolvidos lobos que sofreram a primeira Transformação. São viciosos, imprevisíveis e perigosos, inclusive para as pessoas que amam. No entanto, Samuel não tinha sido vicioso ou sequer imprevisível — exceto no melhor sentido da palavra — quando Maia pulara para cima dele, dando uma de Wild Horse Annie².

Pela primeira vez desde que entrara naquela maldita sala de armazenamento do hospital a noite passada, senti uma esperança real. Se o lobo de Sam fosse capaz de agir de modo civilizado durante uns dias, talvez me fosse possível persuadir Bran a dar-nos um pouco mais de tempo.

Sam alcançara a porta do escritório e ali permanecera, esperando pacientemente que o deixassem entrar, enquanto Maia lhe dava palmadinhas no topo da cabeça e dizia que era um pónei bonito.

— Mercy? Está tudo bem consigo? — Sissy espreitou para o interior do meu carro: era comum eu trazer biscoitos. Trouxera aqueles que tinha feito esta manhã por uma questão de hábito. Por norma faço muitos mais

² Nome por que era conhecida Velma Bronn Johnston, famosa ativista dos direitos dos animais. (*N. do T.*)

biscoitos do que uma só pessoa é capaz de ingerir, portanto quando me lanço a cozinhar biscoitos desenfreadamente, trago-os para os clientes. Não disse nada quando viu os sacos pousados em cima do livro que ainda tinha de devolver a Phin, mas um enorme sorriso plasmou-se no seu rosto.

— Tudo ótimo, Sissy. Queres um biscoito?

Quando abri a porta do escritório, que era de um rosa-alaranjado, já desbotado e a precisar de uma nova pintura, a barulheira da música foi abafada pelas expressões «Mercy» e «Vejam, um cão!» E por aquilo que parecia ser uma centena de corpos minúsculos agarrada a nós.

Sissy levou os pequenos punhos aos lábios e, numa imitação perfeita do seu irmão, disse:

— Bárbaros.

Para em seguida dar uma trinca no biscoito que lhe tinha oferecido.

— Um biscoito! — alguém guinchou. — A Sissy tem um biscoito!

Fez-se silêncio e todos se puseram a olhar para mim do mesmo modo que um leão olharia para uma gazela na savana.

— Está a ver o resultado? — disse a mãe de Gabriel sem sequer levantar os olhos do balcão que esfregava. Sylvia era cerca de uma década mais velha que eu, porém, os anos não pareciam ter passado por ela. Era uma mulher baixa, delicada e bonita. Diz-se que Napoleão também era baixo.

— Você estraga-os com mimos — disse-me num tom desdenhoso. — Portanto cabe-lhe a si lidar com o problema. Tem de pagar o preço.

Retirei os dois sacos de biscoitos de onde os tinha escondido, no interior do casaco.

— Pegue — disse ofegante, estendendo-os por cima dos braços esticados da horda, na direção da mãe deles. — Pegue neles depressa antes que os monstros lhes deitem a mão. Proteja-os com a sua vida.

Sylvia pegou nos sacos e tentou esconder o sorriso enquanto eu me debatia por entre pequenos corpos vestidos de cor-de-rosa que soltavam guinchos. Ok, não eram uma centena; Gabriel tinha cinco irmãs mais novas. Que no entanto faziam um barulho que valia por cinquenta.

Tia, cujo nome era um diminutivo de Martina, a rapariga mais velha, olhou para todos nós de cenho carregado. Sam, sentado ao seu lado, fora preterido por biscoitos. Parecia divertido, mais divertido quando percebeu o meu olhar fatigado.

— Ei, estamos a fazer o trabalho todo — comentou Rosalinda, a segunda mais velha. — As *chicas* vão fazer o favor de começar a esfregar imediatamente. Vocês sabem que só vão ter direito a biscoitos quando a *Mamá* disser.

— A Sissy comeu um — disse Maia.

— E até que tudo esteja limpo, é assim que as coisas vão ficar — proclamou Tia assertivamente.

— Contigo as coisas não têm graça nenhuma — disse-lhe Sofia, a irmã do meio.

— Graça nenhuma — concordou Maia com o lábio inferior espetado. Mas não podia estar demasiado chateada, uma vez que se afastou de mim num pulo para gatinhar na direção de Sam, cuja coleira agarrou com os dedos. — O meu cachorrinho precisa de um biscoito.

Sylvia franziu o sobrolho a Sam, depois a mim.

— Você tem um cão?

— Não propriamente — repliquei. — Estou a tomar conta dele por um amigo. — Por Samuel.

O lobo olhou para Sylvia e agitou a cauda deliberadamente. Manteve a boca fechada, o que foi um gesto inteligente da parte dele. Ela não ficaria lá muito contente se lhe visse bem os dentes — que eram maiores do que os de qualquer cão que eu algum dia vira.

— De que raça é? Nunca tinha visto um monstro desse tamanho.

As orelhas de Sam baixaram um tudo-nada.

Mas a seguir Maia beijou-o no topo da cabeça.

— Ele é giro, *Mamá*. Aposto que podia correr com ele na feira, e ganhávamos um prémio. Devíamos comprar um cão. Ou um pónei. Podia ficar no parque de estacionamento.

— Hmm, talvez seja arraçado de Cão de Montanha dos Pirinéus? — aventurei-me. — Qualquer coisa grande.

— O Abominável Cão das Neves — sugeriu Tia secamente. Esfregou energicamente uma orelha de Sam.

Sylvia suspirou.

— Bom, se ainda não as comeu, não creio que o vá fazer.

— Não me parece — concordei cautelosamente. Olhei para Sam, que parecia sentir-se otimamente, mais relaxado do que alguma vez o vira desde que entrara na sala de armazenamento do hospital.

Sylvia suspirou novamente, de modo teatral, com os olhos dramaticamente grandes a cintilar de diversão.

— É uma pena. Teria muito menos trabalho se tivesse menos algumas filhas, não lhe parece?

— *Mamá!* — irrompeu o coro indignado.

— Quando andam por aí a guinchar, parecem muitas mais do que na realidade são — disse-lhe.

— Já dei por ela. Quando estão a dormir, até são girinhas. O que é uma coisa boa, caso contrário nenhuma delas teria sobrevivido este tempo todo.

Olhei em volta. Já estavam a trabalhar há algum tempo.

— Sabe, as pessoas vão entrar, dar meia-volta e fazer o caminho inverso porque não vão reconhecer o sítio. O Gabriel e o Zee estão na oficina?

— *Sí*, sim, estão. Obrigada por nos ter emprestado o carro.

— Não há problema — disse-lhe. — Não estou a precisar dele. E você pode fazer-me um favor, relatando-me o que possa notar de errado nele.

— Para além de o volante se soltar?

Fiz uma careta.

— Sim.

— Farei isso. Agora você e aquele... elefante que trouxe... precisam de ir para a oficina para que as minhas monstrixas possam voltar ao trabalho.

Obedientemente, retirei Maia de cima do lobo.

— Vamos trabalhar — disse-lhe.

Sam acompanhou-me por dois passos, e em seguida deitou-se no centro do escritório com uma rosnadela. Esticou-se sobre o flanco e fechou os olhos.

— Anda lá, Sa... — Mordi o lábio. Qual era o nome que Samuel ostentava na coleira? Certo. — Anda, Bola de Neve.

Abriu um olho branco e fixou-se em mim.

Engoli em seco. Discutir com lobos dominantes podia ter consequências desagradáveis.

— *Eu* tomo conta do cachorro — declarou Maia. — Podemos brincar aos *cowboys*, e eu ensino-o a ir buscar objetos atirados por mim. Fazemos uma festa do chá. — Enrugou o nariz. — E assim ele não se vai sujar todo a brincar com os carros cheios de óleo. *Ele* não gosta de estar sujo.

Sam fechou os olhos enquanto ela lhe afagava o nariz.

Ele não ia fazer-lhe mal.

Respirei fundo.

— Acho que ele gosta da música — disse a Sylvia.

Ela irritou-se.

— Eu acho que você não quer tomar conta dele.

— A Maia quer fazer de *babysitter* — disse-lhe. — Isso vai mantê-la ocupada.

Sylvia fitou Sam pensativamente. Abanou-me a cabeça mas não barafustou quando o deixei ali deitado.

Zee tinha fechado a porta entre o escritório e a oficina — ele não gosta de música latina. Portanto, quando entrei, também a fechei atrás de mim.

A primeira coisa que ouvi quando emergi da casa de banho envergando o meu fato-macaco foi Zee a praguejar em alemão. Usava o alemão moderno porque consegui perceber cerca de uma palavra em cada quatro. O facto de o fazer em alemão moderno era um bom sinal.

O *Buick* estava no primeiro compartimento. Não conseguia ver Zee, mas a julgar pela direção da sua voz, estava debaixo do carro. Gabriel encontrava-se no lado oposto do veículo; olhou para cima quando me ouviu entrar, e uma expressão de alívio atravessou-lhe o rosto.

Ele sabe que Zee é... bom, não inofensivo, mas que Zee não lhe fará mal. Mas Gabriel é demasiado cortês — e, em resultado disso, tem de aturar muito mais do Zee Rezingão do que eu.

— Ei, Zee — disse-lhe. — Acredito que sejas capaz de reparar isso, mas vai ficar uma miséria e vais desejar que tivesse ido para a sucata e tivesses começado do zero.

— Monte de ferro-velho — resmungou Zee. — O que não está completamente podre está entortado. Se pegasses em todas as peças que estão boas e as empilhasses, conseguias levá-las no bolso. — Fez uma breve pausa. — Mesmo que o teu bolso fosse pequeno.

Dei uma palmadinha no carro.

— Não lhe dêes ouvidos — sussurrei. — Daqui a nada já vais andar a circular na estrada.

Zee deu impulso ao corpo e a sua cabeça espreitou de debaixo do carro, junto aos meus pés.

— Não prometas o que não podes cumprir — rosnou.

Ergui as sobrancelhas e, num tom suave, repliquei:

— Estás a dizer-me que não o consegues arranjar? Peço desculpa. Lembro-me claramente de teres dito que não havia nada que não conseguisses reparar. Devo ter-me equivocado, devo ter ouvido a tua voz na boca de outra pessoa.

Soltou uma rosnadela que teria feito jus a Sam e voltou a deslizar para debaixo do carro, murmurando:

— *Deine Mutter war eine Cola-Automat!*

— A mãe dele é capaz de ter sido uma máquina de venda automática — disse, respondendo a uma das observações que percebi mesmo com Zee falando a toda a velocidade. «A tua mãe...» tem um som semelhante numa série de línguas. — Mas quando era nova, era uma estampa. — Exibi um sorriso rasgado a Gabriel. — Nós, mulheres, temos de ser umas para as outras.

— Porque é que todos os carros são mulheres? — perguntou.

— Porque veem problemas em tudo e são exigentes — respondeu Zee.

— Porque se fossem homens, não fariam nada senão queixar-se em vez de fazerem o que há a ser feito — disse-lhe.

Era um alívio fazer algo normal. Na minha oficina, eu estava em controlo... Bom, na verdade, sempre que aqui estava, quem assumia o controlo era Zee. Apesar de eu lhe ter comprado a oficina e agora lhe pagar para aparecer, ambos sabíamos quem era o melhor mecânico — e ele tinha sido meu patrão durante muito tempo. Talvez, pensei enquanto lhe passava anilhas tamanhos dez e treze, esse fosse o verdadeiro alívio. Aqui tinha um trabalho que sabia como realizar e alguém em quem confiava a dar-me ordens, e o resultado seria uma vitória para o bem e a ordem. Reparar carros é algo metódico — contrariamente à maior parte da minha vida. Faz-se a coisa certa e funciona. Faz-se a coisa errada e não funciona.

— *Verdammtte Karre* — rosnou Zee. — *Gib mir mal...*

A última palavra foi cortada pelo estampido de algo pesado.

— Dou-te o quê? — perguntei.

Fez-se um longo silêncio.

— Zee? Estás bem?

Todo o carro se ergueu cerca de vinte centímetros acima dos macacos, fazendo-os tombar para o lado, e começou a tremer como um epilético. Uma onda de magia emanou do *Buick*, e eu recuei, com uma mão firmemente agarrada à t-shirt de Gabriel, pelo que estava junto a mim quando o carro caiu no chão com o estrondo das rodas no pavimento e o guincho dos amortecedores.

— Já me sinto melhor — disse Zee num tom bastante maléfico. — Ficaria ainda mais feliz se pudesse enforcar o último mecânico que lhe pôs as mãos.

Conhecia essa sensação — ah, a frustração sem paralelo de parafusos com o tamanho errado, unidades de transmissão mal ligadas e peças mal presas que me cabe a mim descobrir: coisas que transformam o que deveria ser um trabalho de meia hora num esforço de um dia inteiro.

Gabriel estava a tentar livrar-se da minha mão, como se quisesse afastar-se mais do carro. Tinha os olhos escancarados, com o branco em redor das íris completamente a descoberto. Apercebi-me, tardiamente, que esta talvez fosse a primeira vez que tivesse visto Zee a trabalhar de facto.

— Está tudo bem. Ele já fez o que tinha a fazer, acho. — Larguei a t-shirt de Gabriel e dei-lhe uma palmadinha no ombro. — Zee, acho que o último mecânico a pôr-lhe as mãos foste tu. Lembras-te? Substituíste o feixe de fios.

Zee voltou a colocar a cabeça de fora, e uma mancha de óleo preta descia-lhe da testa para o queixo onde algo lhe rolara pela cara. Tinha uma nódoa de sangue na testa e um inchaço no queixo.

— Podes calar-te quando te apetecer, *Kindlein* — aconselhou-me num tom ríspido. Depois franziu o sobrolho. — Cheira-me a biscoitos, e pareces-me cansada. Que se passa?

— Fiz biscoitos — disse-lhe. — Deixei um saco no carro para levara para casa. Trouxe mais comigo, mas a horda está na posse deles.

— Ótimo — replicou. — E o que é que te está a tirar o sono?

Ele não costumava meter-se na minha vida. Mas desde que Tim... desde que me tinham feito mal, acarinhava-me à sua maneira.

— Nada em que me possas ajudar — respondi.

— Dinheiro?

— Não.

Franziu o sobrolho, baixando as sobrancelhas brancas sobre os seus frios olhos cinzentos.

— Vampiros? — atirou brusca e secamente. Zee não gostava particularmente de vampiros.

— Não, senhor. — Retribuí o tom. — É um assunto em relação ao qual não podes fazer nada.

— Não seja insolente, menina. — Dirigiu-me um olhar ameaçador. — Eu...

Uma das irmãs de Gabriel soltou um grito. Tive uma visão terrível na qual Sam mastigava uma das crianças, portanto desatei a correr.

Já tinha a mão na porta e esta já se encontrava quase totalmente aberta quando Tia gritou:

— *Mamá, Mamá, una pistola! Tiene una pistola.*

Dentro do escritório havia crianças por toda a parte: penduradas em prateleiras, no parapeito do janelão, no chão de volta de Sam.

Um homem, um homem enorme com uma pistola automática intimidatória firmemente segura por ambas as mãos, estava postado na entrada, mantendo a porta aberta com uma bota de couro preto. Aliás, todo ele estava vestido de preto, com um desenho amarelo qualquer no ombro esquerdo do seu casaco de cabedal pseudomilitar. A única coisa que destoava na sua aparência à soldado-da-fortuna era o cabelo ruivo pelos ombros, que lhe pendia da cabeça de uma forma que teria feito jus a um modelo da capa de um romance de cordel.

Mesmo atrás de si, vislumbrei um outro homem, envergando uma camisa e umas calças largas. No entanto, a linguagem corporal do segundo homem disse-me num relance que apenas o primeiro homem, o homem com a arma, constituía uma ameaça. O segundo homem trazia qualquer coisa ao ombro, mas, sem determinar se se tratava de uma arma, ignorei tanto o objeto como o próprio homem e concentrei-me no perigoso.

Sylvia segurava uma vassoura, mas estava congelada porque o cano da arma estava apontado exatamente na direção da Sandoval mais nova. Maia estava agarrada a Sam com ambas as mãos e a gritar em espanhol de uma forma que seria exageradamente dramática se não tivesse uma pistola automática apontada.

Calculei que fosse a preocupação em relação a ela que mantinha o lobo imóvel no chão do escritório, de olhos semicerrados apontados ao cano da arma enquanto a pele sobre o seu focinho se enrugava numa ros-nadela muda.

Se tivesse tido tempo para me sentir assustada, teria sido nessa altura, ao olhar para Samuel. Para Sam. Já lhe via a contração dos músculos dos quartos traseiros que precedia um ataque. Com arma ou sem arma, com Maia ou sem Maia, não tardaria a atacar.

Tudo isto testemunhei no primeiro instante em que abri a porta, e quando me apercebi do cenário, ainda estava em movimento. Agarrei a vassoura de Sylvia, contornei a esquina do balcão e, com o cabo, golpeei os pulsos do homem que segurava a arma. Atingi-o com um estalido, fazendo cair a arma antes que eu, ou qualquer outra pessoa no escritório, tivesse a possibilidade de reagir à minha entrada.

Excluindo o facto de me transformar em coioote quando me apetece, os meus superpoderes limitam-se a uma resistência inconsistente à magia e uma rapidez de movimentos que vai um pouco além do humanamente possível. Desde o instante em que ouvi o primeiro grito, usei de toda a agilidade que tinha.

Golpeei o homem uma segunda vez, agora visando o corpo, como se a vassoura fosse um Louisville Slugger³, apressando-me a dizer:

— Não te levantes, Sam.

Todas aquelas aulas de karatê serviram para alguma coisa, pensei enquanto o homem agarrava o cabo e se inclinava para trás. Larguei a vassoura. Desequilibrado pelo gesto defensivo, recuou um passo e desferi-lhe um pontapé no estômago, fazendo-o cair pelos degraus até se estatelar no asfalto. Não por acaso, levou consigo o tipo que estava atrás de si.

Espero que o lobisomem me tenha dado ouvidos e não se levante.

Peguei na arma que o nosso intruso deixara cair no chão e avancei para a entrada, segurando a porta como ele o fizera, com um pé. Apontei a arma à cara do estranho — e esperei que o verdadeiro terror começasse.

Mas não ouvi um único rugido atrás de mim, mais nenhum grito. Tudo isto enquanto Sam ficava calmo e transparecia aquele ar que fazia com que as pessoas olhassem para ele e pensassem em «animal de estimação» em vez de «monstro».

Aproveitei esse momento para respirar, um tanto ou quanto estonteada com o comedimento de Sam. Precisei de algum tempo até perceber o que fazer com o melhor cenário possível que inesperadamente me fora apresentado.

Ouvi barulho atrás de mim, mas ignorei-o. Zee estava lá; nenhum inimigo podia vir ao meu encontro daquela direção. Os soluços e as vozes amedrontadas suavizaram-se e pararam. Sam não estava a rosnar. Não tinha a certeza se isso era um bom sinal ou não, mas decidi pensar positivamente.

— Sylvia, chame a polícia — disse-lhe após ponderar por breves segundos. Tínhamos o direito de fazê-lo. E graças a Adam, que enchera o meu local de trabalho com câmaras de segurança, tínhamos provas. Como bônus adicional, não havia ataques de lobisomens a explicar. Não havia nenhuma razão para Sam desempenhar qualquer papel nisto. — Conte-lhes o que aconteceu e peça-lhes para virem depressa.

— Ouça lá, menina, você não quer fazer isso — disse o segundo homem, sem fôlego. Começava a debater-se para sair de debaixo do homem da arma, que me avaliava com um olhar glacial enquanto o seu assistente continuava a falar. — Você não quer ver a polícia envolvida. Quanto mais discreto isto for, melhor correrá.

Se não tivesse soado tão condescendente, não creio que tivesse premido o gatilho.

³ Bastão de baseball produzido pela Hillerich & Bradsby Company. (N. do T.)

Disparei para o lado, suficientemente longe para não haver a menor possibilidade de atingir nenhum deles, mas suficientemente perto para que fossem atingidos pelo asfalto que ressaltou com o disparo.

— Se fosse a si, mantinha-me quieto — disse-lhe, com a voz trémula da adrenalina. As minhas mãos, a parte importante, mantinham-se firmes.

— Vou telefonar ao Tony — disse Sylvia atrás de mim numa voz baixa que os dois homens deitados de costas ao fundo das escadas não conseguiriam ouvir. — Assim não vai haver erros. — A sua voz era calma e desapressada. Todos aqueles anos a trabalhar como despachante da polícia serviam-lhe de ajuda. Tony era meu amigo e amigo de Sylvia, e ambas confiávamos nele.

Com os intrusos sob controlo, dei-me conta de que havia mais pessoas lá fora. Não eram clientes. Estavam postados ao lado de um monovolume preto que conseguia parecer simultaneamente intimidatório e elegante com a sua pintura personalizada.

Eram três pessoas — duas (um homem e uma mulher) vestidas como o homem armado, parecidos inclusive no cabelo, e uma rapariga com uma t-shirt cinzenta e uns auscultadores. A carrinha tinha a mesma inscrição a amarelo que vira no casaco do homem.

KELLY HEART, dizia, apercebi-me assim que tive oportunidade de ler, CAÇADOR DE RECOMPENSAS. Por baixo da mancha amarela, podia-se ler em letras ligeiramente mais pequenas: SÁBADOS ÀS 20, HORA CENTRAL. APANHAMOS OS MAUS DA FITA, UM DE CADA VEZ.

— Sorriam — disse em tom sombrio àqueles que me protegiam a retaguarda: Zee, Sylvia e as filhas, e Sam. — Isto é para os Apanhados. — Zee e Sam precisavam de saber que havia câmaras hostis apontadas a eles.

— Veja lá se se acalma — disse uma das pessoas vestidas de preto, a mulher com o cabelo amarelo-vivo e batom vermelho. Quando começou a falar, encaminhou-se na nossa direção em passo enérgico. — É melhor baixar essa arma. Isto é só a televisão, minha senhora, nada de particularmente excitante.

Eu não recebo ordens. Não de pessoas que invadem o meu espaço. Disparei uma segunda vez para o pavimento, em frente a ela.

— Tanya, *para* — gritou a rapariga fanática da tecnologia. — Não a faças disparar outra vez. Tens noção de quanto nos custam aquelas balas de prata?

— É bom que parem exatamente onde estão — disse-lhes. A prata era para lobisomens. Eles tinham vindo à caça de lobisomens. — Fui criada na floresta de Montana. Consigo acertar na asa de um pato. — Talvez. Provavelmente. Nunca tinha disparado contra um pato; prefiro caçar em quatro patas. — Na minha terra, uma arma é uma arma, não um adereço

de televisão, e se todos os maus da fita estiverem mortos, a nossa versão da história será a única a ser contada. Não me obriguem a concluir que essa seria a via mais fácil.

Tanya congelou e voltei a apontar o cano ao homem cujo rosto me era vagamente familiar assim que fiquei a saber que era uma estrela da televisão. Sentia-me a lutar contra o impulso crescente de simplesmente puxar o gatilho e acabar com aquilo de vez.

Os coiotes, à semelhança dos lobisomens, são territoriais — e este imbecil que aparecera de arma em punho irrompera pelo meu espaço dentro como se tivesse todo o direito de aqui estar.

— A polícia está a caminho? — perguntei a Sylvia quando desligou o telefone. A minha voz estava a tremer da adrenalina e da raiva, mas as minhas mãos continuavam bastante firmes.

— Ele disse que daqui a cinco minutos está cá. Também disse que seria bom trazer reforços. Portanto, vêm outros agentes com ele.

Exibi um sorriso rasgado ao caçador de recompensas, mostrando os dentes como qualquer bom predador.

— O Tony é um agente da polícia. Conhece estas crianças desde que elas usavam fraldas. Não vai ficar *nada* contente consigo. — Tony também estava desesperadamente apaixonado por Sylvia, embora estivesse em crer que ela não soubesse disso.

Senti um movimento à minha direita e lancei um olhar de soslaio nessa direção, vendo Zee e Gabriel a sair da porta da oficina. Deviam ter ido dar a volta. Zee tinha um pé-de-cabra numa mão e segurava-o como um outro homem pegaria numa espada. Gabriel tinha...

— Zee — guinchei. — Diz-lhe para voltar a pôr a chave dinamométrica onde estava e pegar numa coisa que não me vá custar quinhentos dólares se atingir alguém com ela.

— Não vai custar quinhentos dólares — disse Zee, mas quando lhes relanceei novamente os olhos, acenou ao pálido Gabriel, que olhava para o que segurava como se nunca tivesse visto semelhante objeto. O rapaz regressou à oficina enquanto Zee dizia: — Não irias estragá-la, apenas terias de voltar a calibrá-la.

— Temos uma oficina cheia de ferramentas: alavancas, desmonta-pneus, e até alguns martelos. De certeza que existe alguma coisa melhor do que a minha chave dinamométrica para ele pegar.

— Ouça, minha senhora — disse Kelly Heart numa voz calma e apaziguadora. — Vamos respirar fundo e discutir isto por um momento. Não era minha intenção assustar ninguém. Aquela menina estava prestes a ser atacada por um lobisomem.

Verdade.

Não me surpreendeu. O facto de ter falado com Zee acalmara-me, e tivera um momento ou dois para pensar.

É possível que haja algures uma estrela de um programa da vida real capaz de apontar uma arma a uma criança fofa, mas não enquanto estivesse a ser filmado. O homem atrás dele era o seu operador de câmara — vi a câmara dele no chão, no lugar onde fora largada quando Heart aterrara em cima do segundo homem com os seus mais de noventa quilos de músculo.

Se tinha vindo aqui à caça de lobisomens, teria descoberto de imediato o que Sam era. Existe uma magia lupina que encoraja os humanos a ver um cão em vez de um lobo, mas é apenas uma magia suave, e se alguém estiver a olhar atentamente, perceberá que se trata de um lobo e não de um cão.

Portanto, teria muita coisa a admitir. Já demorara demasiado tempo para negar o que Sam era.

— Ele gosta de crianças — disse em vez de negar. — Dócil como um cachorro.

Sylvia estava a murmurar qualquer coisa às filhas, mas a sua voz parou com as minhas palavras. Fez-se um breve silêncio, após o que a mais pequena desatou a guinchar como um carro dos bombeiros, um carro dos bombeiros com uma sirene muito aguda. Se pudesse adiantar um palpíte, diria que Sylvia tinha acabado de afastar a sua filha do grande lobo mau.

— Tenho um mandado de captura para o levar — continuou Heart, retraindo-se um pouco. Não conseguia perceber se o que o incomodava era o volume ou o tom, que se aproximava do ultrassónico.

Ergui as sobrancelhas e indiquei a arma com o queixo.

— Procura-se vivo ou morto?

Samuel não tinha exposto publicamente a sua condição. E a única pessoa que me fazia sentir preocupada caso viesse atrás de Samuel jamais enviaria um caçador de recompensas. Seria Bran a matá-lo, quando e se chegasse a altura. O mandado de captura de Heart não podia ser para Samuel.

Não era preciso ser-se um génio para perceber que lobisomem esperariam as pessoas encontrar no meu local de trabalho: Adam.

Como é que um caçador de recompensas arranjou um mandado de captura para ele, quando, ao que sabia, Adam era visto como um cidadão cumpridor da lei, não fazia ideia. Sabia pouco de caçadores de recompensas, mas tinha praticamente a certeza de que eles perseguiriam e capturavam sobretudo pessoas que eram procuradas por se esquivarem ao pagamento de fianças, e depois o fiador pagava-lhes uma percentagem no dinheiro da fiança que de outro modo teriam perdido.

O Departamento de Polícia de Kennewick não ficava muito longe. Ainda assim, o primeiro carro a aparecer no meu parque de estacionamento foi o de Adam. Estacionou o seu SUV em frente à carrinha, bloqueando-a.

— Está enganado — disse a Kelly Heart, Caçador de Recompensas, mantendo-me de olhos fixos nele por muito que quisesse olhar para o homem que acabara de fechar a porta do seu novo SUV. — Não há nenhum lobisomem por estas bandas com um mandado de captura.

— Receio que esteja enganada — disse-me Kelly simpaticamente. Contra a minha vontade, fiquei impressionada com ele. Permanecia calmo e sereno enquanto estava deitado de costas como uma tartaruga, em cima do seu operador de câmara, que estava cheiinho de medo e concentrado na arma que eu segurava.

Uma outra porta do SUV foi aberta e fechada — Adam trazia alguém com ele. O vento não estava de feição, portanto não consegui descortinar quem seria. E não ia ser estúpida ao ponto de olhar. Não que achasse que o caçador de recompensas ainda fosse uma verdadeira ameaça. Pelo menos para as crianças atrás de mim.

Consegui ouvir a mulher de t-shirt dizer numa voz nervosa:

— Não a obrigues a disparar outra vez, Kelly. Quarenta dólares. Custam quarenta dólares. Cada uma.

— Não se preocupe — gritei-lhe. — Pode tirá-las de debaixo do chão que elas vão parecer quase intactas. Até é capaz de poder voltar a usá-las. — A prata não se deforma tão facilmente como o chumbo, o que faz dela uma munição péssima, a menos que se esteja a disparar contra lobisomens.

— Ela não parece estar muito preocupada consigo — disse a Kelly num tom de compaixão fingido enquanto Adam caminhava na nossa direção. — Presumo que seja mais difícil encontrar balas de prata do que caçadores de recompensas que ficam bem em couro preto.

Sorriu.

— Ela acha que sim. Ouça, posso levantar-me? Prometo que não vou tentar nada, mas sou quarenta quilos mais pesado do que aqui o Joe. Se continuar em cima dele por muito tempo, é capaz de deixar de respirar.

— Levanta a arma, Mercy — disse Adam. — Esconde-a antes que a polícia chegue. Será mais fácil assim. Até pode ser que saíamos disto sem que ninguém seja preso.

A minha capacidade de arbítrio desapareceu ao som da sua voz, e a minha cabeça girou com a mesma inevitabilidade que um girassol gira o botão na direção do Sol.

Adam vestia um fato e uma gravata do rato Mickey que a filha lhe oferecera no Natal — e conseguia parecer muitíssimo mais perigoso do que o homem que se encontrava no chão. Sabia que ele iria aparecer, mesmo depois da conversa que tínhamos tido esta manhã.

Magoara-o, e ainda assim tinha vindo quando as câmaras de vigilância que colocara em tudo o que é sítio na minha oficina lhe indicaram que

eu estava em perigo. Nunca, por um segundo que fosse, tinha duvidado de que ele apareceria; Adam é fiel e leal, como o soldado de chumbo na velha história infantil. Mais fiel e leal do que eu, que o afastara para salvar Samuel.

— A Sylvia ligou ao Tony. A polícia já deve saber da arma.

— Ainda assim — replicou Adam. — As pessoas cometem erros quando há armas por perto.

Kelly não queria tirar os olhos de mim enquanto segurava uma arma apontada a ele, mas deixou-se envolver pelo mesmo feitiço em que estavam mergulhadas todas as pessoas em redor de Adam. Do canto do olho vi o rosto do caçador de recompensas virar-se para Adam, que aparecera do lado de modo a não se colocar na minha linha de mira caso Kelly se tivesse levantado repentinamente e começado a correr.

— É verdade — disse o caçador de recompensas. — Baixe a arma, Sra. Thompson. Tal como sugere este senhor. — Talvez pensasse que Adam seria mais razoável do que eu. Kelly Heart não iria compreender o que as manchas douradas nos olhos de Adam significavam.

— Vim aqui para levar um lobisomem para o qual tenho um mandado de captura — disse a Adam, e consegui perceber que acreditava no que dizia. — Vi o lobisomem com a criança e pensei que ia haver problemas.

Estava a dizer a verdade — também me dissera a verdade a mim. Atrapalhei-me um pouco ao pôr a arma que desconhecia na posição de segurança. Com Adam presente, quem precisava de uma arma?

Zee aproximou-se e estendeu a mão.

— Eu levo-a e faço-a desaparecer — disse-me.

Heart rolou de cima do operador de câmara, mantendo as mãos levantadas enquanto se afastava para o lado. Continuava a manter grande parte da atenção centrada em mim, como se a ameaça fosse eu e não Adam. Baixei consideravelmente a minha estimativa do seu grau de inteligência.

Adam colocou um par de óculos de sol — mas manteve-se fixo no caçador de recompensas enquanto Heart se levantava. Adam recuou um passo quando Heart deu uma mão ao seu operador de câmara, e o seu pé pisou qualquer coisa.

— Receio que isto não tenha sobrevivido à queda.

O operador de câmara produziu um ruído de lamentação, como se alguém lhe tivesse batido. Agarrou a câmara e abraçou-a contra a barriga, como se isso fosse de algum modo minimizar o estrago.

Adam olhou para o operador de câmara, e depois para lá dele na direção da carrinha, onde as pessoas que acompanhavam Heart conferenciavam nervosamente. Relanceou os olhos a Ben. Quando tinha a atenção do outro lobisomem, apontou para a carrinha com o queixo. Dessa forma tão simples, indicou a Ben que queria que ele fosse exercer vigilância sobre a

equipa de rodagem de Heart. Adam não deixava nada ao acaso, e não iria ignorar possíveis hostilidades do outro lado do parque de estacionamento.

— Peço desculpa por tê-la assustado — disse-me Kelly. Desta vez estava a mentir. — E por afligir as crianças. — Tão-pouco estava preocupado com isso. Perguntei-me quantas pessoas acreditariam de facto naquela cena.

Dois carros da polícia, seguidos pela carrinha de caixa aberta de Tony, pararam no parque de estacionamento.

— Não têm as sirenes ligadas — comentou Adam. — Provavelmente Tony não lhes falou da arma.

Sam contornou-me, obrigando-me a ir contra a porta. Baixei um braço e agarrei-o pela pelagem do pescoço — não era estúpida ao ponto de o agarrar pela coleira. O meu gesto era um pedido, não uma ordem... mas Sam já tinha parado ao meu lado. Examinou a polícia que se acercava a partir do cimo dos degraus, uma posição que era superior em relação à deles.

A Sam, Heart prestou atenção. Olhou ansiosamente para Zee — porque a arma se encontrava longe da vista — e afastou-se um passo do lobi-somem.

— Isto é um mal-entendido — disse numa voz suficientemente projetada para ser ouvida pela polícia. — A culpa é minha.

Reparei no momento em que o primeiro agente a chegar o reconheceu, porque os seus olhos se arredondaram e a sua voz se revelou um tudo-nada reverente quando disse aos agentes mais velhos que o seguiam:

— Está tudo bem, Holbrook, Monty. É o Kelly Heart, o caçador de recompensas da televisão.

Monty seria provavelmente Tony, cujo último nome era Montenegro. Isso fazia do polícia mais velho Holbrook.

— Green — disse o homem mais velho, baixinho. Não creio que fosse sua intenção que qualquer um de nós o ouvisse. — Não está tudo bem até saberes o que se passa. Não me interessa se é o presidente em pessoa que está à tua frente. — Mas depois Holbrook olhou bem para nós, todos com as mãos completamente visíveis e em poses relaxadas de pessoas que não se tinham quase matado cinco minutos antes. Nós, todos nós, éramos bastante bons a mentir com os nossos corpos. — Podes ir telefonar para a esquadra e dizer-lhes que a situação está sob controlo.

Green voltou-se sem contestar, deixando que Tony e Holbrook se aproximassem de nós sozinhos.

— Mercy? — Contrariamente aos outros agentes, Tony não trazia o uniforme vestido. Envergava um casaco escuro sobre umas calças de ganga pretas e usava brincos com diamantes nas orelhas furadas. Parecia mais um traficante de droga do que um polícia. — O que é que aconteceu?

— Ele entrou no escritório e viu aqui o meu amigo. — Pousei uma mão na cabeça de Sam. Não podia chamá-lo pelo nome. Tony conhecia o Dr. Samuel Cornick, sabia que ele era meu companheiro de casa, e não teria qualquer dificuldade em associá-lo a um lobo chamado Sam. E chamá-lo pelo nome de Bola de Neve nestas circunstâncias só ia atrair a atenção para o facto de que estava a esconder a sua identidade. — E partiu do pressuposto de que todos os lobisomens são um perigo.

— Isso é um lobisOMEM? — perguntou o agente mais velho, que subitamente pareceu mais desconfiado. A sua mão aproximou-se do coldre.

— Sim — respondi com firmeza. — E como podem ver, apesar das ações precipitadas do Sr. Heart — não lhes relatei quais haviam sido as ações precipitadas, embora a boca de Tony se tivesse contraído, um claro indício de que sabia acerca da arma, — aqui o meu amigo manteve-se calmo. Se isso não tivesse acontecido, haveria cadáveres. — Olhei para Heart. — Algumas *peessoas* podiam aprender com o seu exemplo de autocontrolo e capacidade de ajuizar.

— Ele é perigoso — afirmou Kelly. — Eu não teria dis... — Subitamente, decidi deixar o assunto da arma de lado e mudou de tática sem se dar ao trabalho de terminar a frase. — Tenho um mandado de captura que autoriza a detenção do lobisOMEM.

— Não, não tem — disse-lhe em tom confiante. Era impossível ele ter um mandado de captura de Sam.

— Como? — disse Tony.

— Um lobisOMEM? — disse o polícia mais velho. — Não me lembro de ouvir nada a respeito de um mandado de captura de um lobisOMEM.

Assobiou e acenou, atraindo a atenção do polícia jovem que regressava em passo enérgico para junto de nós.

— Green — disse ele, — ouviste falar nalgum mandado de captura de algum dos lobisomens da nossa zona?

Os olhos do rapaz expandiram-se. Olhou para mim, olhou para Sam, e chegou à conclusão acertada. Sam agitou a cauda e o polícia endireitou-se, colocando no rosto uma expressão impessoal e profissional. Reconheci o olhar — este tinha estado nas forças armadas.

— Não, senhor — respondeu. Não estava com medo, mas observava Sam atentamente. — Não me esqueceria de uma coisa dessas.

— Tenho provas — interveio o caçador de recompensas, acenando na direção da carrinha. — Tenho o mandado de captura na carrinha.

A sobancelha de Tony espetou-se e relanceou os olhos aos outros polícias.

— Posso garantir-lhe que não prendemos nenhum lobisOMEM que tivesse sido posto em liberdade sob fiança. Desde quando é que o nosso

departamento põe mandados de captura nas mãos de caçadores de recompensas? Sinto-me inclinado a concordar com a Mercy: deve estar enganado.

Holbrook manteve-se fixo em Sam, porém, tanto Green como Tony revelaram mais bom senso.

— Sr. Agente Holbrook — disse eu, — tornaria as coisas bem mais fáceis aqui para o meu amigo se não olhasse para ele diretamente nos olhos. Ele não vai fazer nada. — Esperava eu. — No entanto, os instintos lupinos fazem com que o lobo interprete o contacto visual como um desafio.

Holbrook desviou o olhar na minha direção.

— Obrigado, minha senhora — disse. — Agradeço a informação.

— O mandado de captura está na carrinha — informou Heart. — Posso pedir à minha assistente que o traga.

Enquanto a polícia estava a falar comigo e com Heart, Adam, Zee e Gabriel aproveitavam para se afastar em silêncio. No entanto, detetei movimento do canto do olho: Zee, a atrair a atenção de Adam. Quando a obteve, inclinou a cabeça na direção do pátio de armazenamento situado no outro lado da rua.

Tal como Adam, segui o gesto de Zee com os olhos e localizei-o imediatamente. Em cima da unidade de armazenamento mais próxima, estava algo que passava despercebido no telhado de metal vermelho. Com a dose suficiente de *glamour*, um ser feérico consegue assumir a aparência de qualquer coisa viva, mas algo inanimado — como um telhado — é mais difícil. Não consegui perceber o que ele ou ela era, apenas que algo estava ali. Num ápice, afastei os olhos de modo a que a criatura feérica não se apercebesse de que tínhamos reparado nela.

— Ben — disse Adam muito baixinho.

— O que é que disse? — perguntou Tony.

Ben estava encostado à carrinha a lançar charme a Tanya-a-Mulher-do-Caçador-de-Recompensas, ao Rapaz de Couro (o bem-parecido comparsa de Heart) e à Rapariga da Tecnologia. Todos eles deviam ter mesmo muito maus instintos, uma vez que estavam corados e a sorrir. Quando Adam falou, Ben olhou para o seu Alfa. A carrinha escondia-o da criatura feérica no telhado — mas também escondia a criatura feérica dele.

— Nada importante — respondeu Adam enquanto fazia alguns gestos discretos com a mão direita, aproximadamente ao nível da anca. Ben, por seu turno, respondeu com um gesto e Adam cerrou o punho, abrindo-o em seguida.

— Afinal de contas, quem é você? — perguntou Heart.

— Vai mostrar-nos o tal mandado de captura? — perguntou Tony, mudando de assunto.

Postado ao lado da carrinha, Ben sorriu. Inclinou a cabeça, disse qual-

quer coisa às pessoas com quem estava a falar, fazendo-as olhar na nossa direção, e em seguida contornou descontraidamente a carrinha. Não consegui vê-lo enquanto atravessava a rua por causa da carrinha, mas vi a criatura feérica reparar nele e tombar para o lado oposto do armazém.

Heart disse:

— Trá-lo, querida. — Percebi então que tinham um qualquer sistema de microfones que lhe permitia a ela ouvir tudo o que nós dizíamos. Provavelmente gravar, também. Não via grande problema nisso.

Ben pulou a elevada vedação em rede metálica sem lhe tocar — se algum mundano o visse, não hesitaria em dizer que ele não era humano. No entanto, a polícia, incluindo Tony, estavam de olhos postos na famosa estrela de televisão.

Ninguém, a não ser Adam, Zee e eu própria — segundo consegui perceber — reparou em nada. Gabriel tinha desaparecido. Lembrei-me que o vira regressar à oficina quando a sua irmã tinha gritado; porque Sylvia a tinha afastado do lobisomem.

Depois de prestar atenção, consegui ouvi-lo a falar em espanhol, com a voz tomada pela raiva enquanto ele e a sua mãe discutiam sobre qualquer coisa — e o meu nome fazia definitivamente parte da discussão.

Desliguei-me do que diziam no momento em que vi a rapariga fanática por tecnologia correr na nossa direção com uma pasta de arquivo grossa que entregou a Heart. Este folheou as páginas enfiadas num compartimento da pasta e retirou um documento aparentemente oficial que entregou a Tony.

— Ele tem um mandado de captura — informou-me Tony, tendo o cuidado de não olhar para Adam. — E tens razão. Não é para este lobisomem. — Entregou o papel a Holbrook.

O homem mais velho deu uma olhadela e aclarou a garganta:

— É uma falsificação — disse com absoluta certeza na voz. — Se me tivesse dito o nome, ter-lhe-ia dito logo que é uma falsificação sem sequer olhar para a assinatura elegante que é menos parecida com a do Juiz Fisk do que a minha. É impossível haver um mandado de captura de Hauptman que na esquadra tenhamos conhecimento disso.

— Foi o que eu pensei — concordou Tony. — A assinatura de Fisk é praticamente ilegível.

— O quê? — Havia na voz de Kelly indignação suficiente para acreditar piamente que era genuína.

Tony, que observava atentamente o caçador de recompensas, parecia ter a mesma opinião que eu. Entregou o mandado de captura ao agente mais jovem.

— Green, vai fazer um telefonema para saber se isto é verdadeiro — disse. — Só por causa do caçador de recompensas.

À semelhança de Tony, Green teve o cuidado de não olhar para Adam.

— Não ouvi falar nisto — comentou. — E não me esqueceria se tivéssemos um mandado de captura dirigido a ele. Nós conhecemos o nosso Alfa local. Posso garantir, com toda a certeza, que ele não se esquivou ao pagamento de nenhuma fiança. — Green olhou para Tony. — Mas vou telefonar para confirmar. — E regressou apressadamente ao carro-patrolha.

— A minha produtora disse-nos que o departamento de polícia não queria enfrentar um lobisomem e pediu a nossa ajuda — disse Heart, embora não soasse de todo seguro.

Holbrook, indignado, rosnou:

— Se tivéssemos um mandado de captura de um lobisomem, íamos buscá-lo. É esse o nosso trabalho.

— A sua produtora disse-lhe que nós não queríamos enfrentar um lobisomem — disse Tony pensativamente. — Foi a sua produtora quem lhe deu o mandado?

— Sim.

— Ela tem um nome? Gostávamos de ter dados para podermos contactá-la.

— Daphne Rondo. — Perguntei-me se se apercebera de que tinha o coração na voz quando disse o nome dela. Enfiou a mão no bolso de trás, lentamente, sacou a carteira e do seu interior retirou um cartão.

— Veja. — Segurou-o por momentos, até Tony estender o braço e pegar nele. — Conhece este tipo, não conhece? Foi por isso que soube que este não era o lobo que procurávamos. — Em seguida, uma expressão de compreensão iluminou-lhe o rosto e largou o cartão para atentar em Adam. — Adam Hauptman?

Adam acenou afirmativamente com a cabeça.

— Diria que é um prazer conhecê-lo, mas não gosto de mentir. O que é que supostamente fiz?

O polícia mais novo regressou do carro em passada veloz, abanando a cabeça.

Kelly olhou para o polícia e depois suspirou.

— Que diabo. Presumo que não tenha andado a matar raparigas e a deixar os seus cadáveres meio comidos no deserto?

Adam ficou inquieto. Consegui perceber isso, apesar de manter a aparência de homem de negócios relativamente calmo. O temperamento de Adam era a razão pela qual ele não era um dos lobisomens de Bran que dava o rosto pela causa da espécie. Quando estava zangado, cedia frequentemente a impulsos a que de outro modo não cederia.

— Lamento desapontá-lo — disse Adam a Kelly numa voz melíflua.

— Mas prefiro coelhos. Os humanos sabem a carne de porco. — E depois sorriu. Kelly recuou um passo involuntariamente.

Tony dirigiu um olhar severo a Adam.

— Não vamos piorar a situação se pudermos evitá-lo, meus senhores. — Sacou do telemóvel e, olhando para o cartão, marcou o número. Tocou até se ouvir o correio de voz. Tony não deixou nenhuma mensagem.

— Ok — disse Tony. — Gostaria de obter um depoimento da sua parte acerca deste mandado de captura. Se andam a circular mandados de captura falsos, precisamos de nos inteirar. Podemos tratar disso aqui ou na esquadra.

Deixei Tony e os outros polícias tratar das consequências e regresssei ao meu escritório, fechando a porta atrás de mim. Também deixei Sam lá fora. Se ainda não tinha matado ninguém esta manhã, não ia fazê-lo agora.

Tinha outros assuntos a resolver.

Gabriel segurava a irmã mais nova na anca, o rosto molhado dela encostado ao seu ombro. As restantes raparigas estavam sentadas nas cadeiras destinadas aos clientes e a mãe estava de costas para mim.

Era a única que falava — em espanhol, pelo que não fazia a mais páli-da ideia do que estava a dizer. Gabriel dirigiu-me um olhar desesperado, e ela voltou-se. Os olhos de Sylvia Sandoval reluziam de raiva, uma raiva tão intensa como a que costumava ver nos olhos dos lobisomens.

— Você — disse ela com sotaque carregado. — Você não gosta das pessoas com quem anda, Mercedes Thompson.

Não disse nada.

— Vamos para casa. E, de agora em diante, a relação entre você e a minha família está terminada. Por sua causa, por causa do seu lobisomem, a minha filha vai ter pesadelos com um homem a apontar-lhe uma arma. Ela podia ter levado um tiro. Qualquer um dos meus filhos podia ter levado um tiro. Vou mandar vir um reboque para levar o meu carro.

— Não é preciso — disse-lhe. — O Zee já está a acabar a reparação. — Presumi que fosse esse o caso. Ninguém sabia o que ele tinha sido capaz de fazer com a sua magia.

— Está a funcionar — informou Zee. Não me apercebera de que tinha entrado no escritório, mas devia tê-lo feito pela oficina. Parou ao lado da porta interior, com ar carrancudo.

— Diga-me quanto é que lhe devo, acrescentando ao último salário do meu filho.

Gabriel produziu um ruído de protesto.

Ela olhou-o de relance e ele engoliu o que quer que fosse que tencionava dizer, de olhos suspeitosamente brilhantes.

— O meu filho acha que por ser quase um homem pode tomar as pró-

prias decisões. Enquanto ele viver na minha casa, as coisas não se passam assim.

Tinha a certeza de que Gabriel era capaz de sair de casa e safar-se bem sozinho — mas sem o seu salário, Sylvia passaria por muitas dificuldades para dar de comer à família. Gabriel também tinha noção disso.

— Gabriel — disse-lhe, — tenho de te deixar ir. A tua mãe tem razão. O meu escritório não é um lugar seguro para se trabalhar. Se a tua mãe não estivesse envolvida, já não terias trabalho aqui. Eu envio-te o último salário pelo correio. Quando procurares um novo emprego, podes dizer para me telefonarem que eu faço a recomendação.

— Mercy — disse ele com o rosto pálido e pétéreo.

— Não seria capaz de viver comigo própria se alguma coisa tivesse acontecido, a ti ou às tuas irmãs — desabafei.

— Oh, pobre Mercy — disse Sylvia com falsa simpatia e um inglês cada vez pior. — Pobre Mercy, a vida dela é demasiado perigosa, e ela ia sentir-se mal se o meu filho saísse magoado. — Apontou-me o dedo. — Não é só isto. Se fosse só o homem da arma, nesse caso dizia: não, Gabriel, não te deixo trabalhar mais aqui, mas continuamos a ser amigos da Mercy. Mas você *mentiu-me*. Eu digo «O que é este canzarrão?» e você diz-me «Talvez seja arraçado». Você tomou essa decisão, a de deixar a minha filha brincar com um lobisomem. Você não me disse o que ele era. Tomou essa opção quando o que estava em jogo era o bem-estar dos meus filhos. Não telefone para a minha casa. Não fale com os meus filhos na rua, ou eu chamo a polícia.

— *Mamá* — interveio Gabriel. — Estás a exagerar.

— Não — disse-lhe num tom quebrantado. — Ela tem razão. — Soube que tinha feito a escolha errada no instante em que ouvi o primeiro grito de Maia. Não tinha sido Sam, mas podia ter sido. O facto de só ter tido a certeza de que não fora ele quando vi Kelly Heart com a sua arma indicara-me que tinha tomado a opção errada. Colocara em risco os filhos de Sylvia.

— Zee, tiras o carro dela da oficina, por favor?

Inclinou a cabeça e rodou sobre os calcanhares. Não conseguia perceber se também ele estava zangado comigo ou não. Claro que tinha a certeza de que ele não fazia a mínima ideia do elevado risco que eu correria. Não era um lobo, não tinha vivido com os lobos; não saberia o que Sam era.

— Mercy — disse Gabriel, impotentemente.

— Vai — repliquei. Tê-lo-ia abraçado, mas achei que ambos iríamos chorar. Podia lidar com isso, mas Gabriel tinha dezassete anos e era o homem da sua família. — *Vaya con Dios*. — Veem, afinal sei um pouco de espanhol.

— Você também — disse ele formalmente.

E a irmã dele começou a chorar novamente.

— Eu quero o meu cachorro — gritava.

— Vamos — disse a mãe.

Foram embora, as raparigas cabisbaixas, atrás de Gabriel, com Sylvia em último lugar.